

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

EDJANE SANTOS DA PAIXÃO

**VIOLÊNCIA FÍSICA NA ESCOLA: UMA REALIDADE NO ESPAÇO
ESCOLAR**

São Cristóvão-SE

2012.1

EDJANE SANTOS DA PAIXÃO

**VIOLÊNCIA FÍSICA NA ESCOLA: UMA REALIDADE NO ESPAÇO
ESCOLAR**

Monografia de conclusão de curso, apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. ANA MARIA FREITAS TEIXEIRA

SÃO CRISTÓVÃO

2012.1

VIOLÊNCIA FÍSICA NA ESCOLA: UMA REALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Monografia apresentada na Universidade Federal de Sergipe, como requisito para conclusão do Curso de Pedagogia

Aprovada em 09 de outubro de 20012

Profa. Dra. Ana Maria FreitasTeixeira

Universidade Federal de Sergipe

Orientadora

Iara Maria Campelo Lima

Universidade Federal de Sergipe

Primeiro avaliador

Marizete Lucini

Universidade Federal de Sergipe

Segundo avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido a oportunidade de concluir essa graduação e de me dar forças todos os dias para suportar as pedras no caminho.

A minha família por ter sido compreensiva nos meus momentos de ausência, especialmente ao meu irmão Wellington que me ajudou muito.

A minha madrinha Julia e Claudinha por acreditarem em mim desde a aprovação no vestibular.

A minha orientadora, Ana Teixeira, por ter sido paciente e firme nos momentos necessários para a concretização deste trabalho.

Aos alunos, professores, coordenadoras e mães que dispuseram seu tempo para responder ao questionário e as conversas informais.

A todas as amigas mais próximas da universidade por terem sido companheiras.

A todos os professores por fazerem parte da minha formação acadêmica.

As crianças e mães da Pastoral da Criança da Paróquia São Pio X por terem sido as minhas “cobaias” durante esses cinco anos.

A todos o meu muito obrigada.

RESUMO:

O presente estudo objetiva analisar a violência física na escola. Buscamos compreender o que pensam os alunos da terceira série (quarto ano) e quarta série (quinto ano), professores, coordenadoras e mães, envolvidos na pesquisa, sobre os motivos que podem ocasionar a violência no ambiente escolar e de que maneira essa violência pode ser prevenida e combatida. Para realização da pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática a fim de embasar a análise dos dados. Foi adotado um recorte metodológico qualitativo sendo os dados produzidos a partir de questionários e entrevistas informais junto aos professores, coordenadoras e mães.

Palavras-Chave: Ambiente escolar – Família – Violência Física

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Discriminação quanto a série, turno, total de alunos por turma, total dos presentes, total dos ausentes, sexo e variação de idade dos alunos pesquisados.....	34
Quadro 2: O que dizem os alunos pesquisados sobre presenciar brigas na escola.....	41
Quadro 3: O que dizem os alunos pesquisados sobre a frequência de brigas na escola.....	42
Quadro 4: O que dizem os alunos sobre o porquê das brigas acontecerem na escola.....	42
Quadro 5: O que os alunos pesquisados pensam sobre os colegas que brigam na escola.....	44
Quadro 6: Se os alunos pesquisados brigam ou já brigaram na escola.....	47
Quadro 7: O que dizem os alunos pesquisados sobre a frequência com que brigam com os colegas na escola.....	48
Quadro 8: O que os alunos pesquisados costumam fazer quando brigam na escola.....	49
Quadro 9: O que dizem os alunos pesquisados sobre sofrer algum tipo de agressão na escola.....	50
Quadro 10: O que os alunos pesquisados sobre as situações em que estão envolvidos em brigas.....	52
Quadro 11: O que dizem os alunos pesquisados sobre punição por brigarem na escola.....	53

Quadro 12: O que dizem os alunos pesquisados sobre terem visto algum colega ser punido porque brigou na escola.....	54
Quadro 13: Perfil dos professores investigados quanto ao sexo.....	56
Quadro 14: Perfil dos professores investigados quanto a escolaridade.....	56
Quadro 15: Como os professores investigados descrevem o ambiente escolar.....	56
Quadro 16: Percepção dos professores investigados quanto a ocorrência de brigas entres os alunos no ambiente da escolar	57
Quadro 17: O que dizem os professores investigados sobre a frequência das brigas na escola.....	58
Quadro 18: Percepção dos professores investigados sobre frequência das brigas na escola quanto ao sexo dos alunos envolvidos.....	58
Quadro 19: Como os professores investigados ficam sabendo das brigas.....	59
Quadro 20: Como os casos de desentendimentos são tratados pela escola na perspectiva dos professores investigados.....	60
Quadro 21: Principais causas da violência escolar segundo a percepção dos professores investigados.....	61
Quadro 22: O que dizem os professores investigados sobre o papel da escola no combate (ou prevenção) a violência escolar.....	62
Quadro 23: O que dizem os professores investigados sobre já terem sofrido algum tipo de agressão no ambiente escolar.....	63
Quadro 24: Se em sala há alunos que provocam aos demais colegas ao ponto de iniciar uma briga segundo a percepção dos professores investigados.....	64
Quadro 25: O que o professor investigado diz sobre o trabalho que faz com os alunos que causam problemas em sala.....	65

- Quadro 26:** O que o professor investigado diz sobre a atuação das famílias na formação dos filhos quando observa a realidade da escola..... 65
- Quadro 27:** O que diz a Coordenação quanto ao ambiente escolar..... 67
- Quadro 28:** O que diz a Coordenação sobre a ocorrência de desentendimentos entre os alunos..... 68
- Quadro 29:** O que diz a Coordenação sobre a frequência que ocorre desentendimentos entre os alunos na escola..... 69
- Quadro 30:** O que diz a Coordenação sobre quem são aqueles que estão envolvidos em situações de desentendimentos com maior frequência no ambiente da escola..... 69
- Quadro 31:** O que diz a Coordenação sobre a maneira como os casos de desentendimentos são tratados pela escola..... 70
- Quadro 32:** Se há ocorrência de agressão física nos desentendimentos, na visão da Coordenação..... 70
- Quadro 33:** O que diz a Coordenação sobre as principais causas da violência escolar..... 71
- Quadro 34:** O que diz a Coordenação sobre o papel da escola no combate (ou prevenção) a violência escolar..... 72
- Quadro 35:** Se a Coordenação já sofreu algum tipo de agressão na escola..... 73
- Quadro 36:** O que a Coordenação diz sobre a atuação das famílias na formação dos filhos de acordo com a realidade da escola..... 73
- Quadro 37:** O que diz a Coordenação sobre o trabalho realizado para envolver os alunos e os pais na escola..... 74
- Quadro 38:** Se quando há desentendimentos mais sérios na escola é feito relatório e enviado aos órgãos competentes..... 74

Quadro 39: Ocupação das mães que participaram da pesquisa.....	76
Quadro 40: Nível de escolaridade das mães que participaram da pesquisa.....	76
Quadro 41: O que dizem as mães pesquisadas sobre o ambiente escolar.....	77
Quadro 42: Ao que as mães pesquisadas atribuem o comportamento de alunos que se desentendem na escola.....	78
Quadro 43: Como agiria a mãe se o filho estivesse envolvido em uma situação de briga na escola.....	79
Quadro 44: Com quem os filhos já se envolveram em situações de conflitos no ambiente escolar	80
Quadro 45: Reação das mães pesquisadas ao saber do envolvimento dos filhos em situações de briga na escola.....	81
Quadro 46: O que as mães pesquisadas dizem sobre o papel da escola no combate (ou prevenção) as brigas existentes no ambiente escolar.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – VIOLÊNCIA E SOCIEDADE: A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA.....	14
1.1 – Construindo uma leitura histórica sobre a questão da violência.....	14
1.2 – O que dizem alguns autores sobre violência.....	18
1.3 – O que é violência na escola, à escola e da escola?.....	21
1.4 – A violência no cotidiano escolar brasileiro.....	23
CAPÍTULO 2 – OS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO.....	30
2.1 – Campo de pesquisa.....	31
2.2 – Instrumentos de produção e coleta de dados.....	32
2.3 – Desenvolvimento do trabalho de campo.....	33
2.4 – Sujeitos da pesquisa.....	35
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE SOBRE A VIOLÊNCIA FÍSICA NA ESCOLA..	40
3.1 – Situações de violência física na escola.....	40
3.2 – O que pensam os alunos investigados sobre a violência na escola.....	40
3.3 – Quem são os professores investigados e o que pensam sobre a violência na escola.....	56
3.4 – O Que diz a coordenação sobre a violência na escola, a atuação da família e a violência no ambiente escolar.....	67

3.5 – Quem são as mães entrevistadas e o que elas pensam sobre a violência na escola.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	86
APÊNDICE.....	89

INTRODUÇÃO

Ao escolher o tema Violência Física na Escola, atendi a meus questionamentos sobre a percepção da comunidade escolar quanto a esse fenômeno, pois a escola é um local que deveria estar permeado pela busca de conhecimentos e não pela ocorrência de agressões verbais e física, em que o mais forte se impõe sobre o mais fraco. Pesquisando e lendo alguns autores tais como Fukui (1992), Charlot (2005), Odália (1985), Abramovay (2005) entre outros, encontrei vários conceitos sobre violência e os problemas decorridos dela, o que me levou a buscar relações vinculadas a violência física nas escolas.

A violência é um problema social manifestado de diversas formas e as diferentes manifestações veem sendo observadas com um olhar diferente pela sociedade por estar muito presente nas escolas, nas ruas, nas residências, nas empresas, em lugares onde fatores sociais, estruturais, econômicos, desestruturação familiar entre outros contribuem para a falta de respeito com o outro.

Vários são os sujeitos envolvidos nessa problemática do mundo moderno, as crianças, os adolescentes, e os jovens estão à frente dessa realidade diária que ocupa os noticiários. “O frequente envolvimento da população infantil e juvenil com esta realidade ocupa, de maneira crescente, as páginas dos jornais e o tempo no noticiário de rádio e televisão.” (CANDAU, LUCINDA, NASCIMENTO, 2001, p. 13). Esse problema social se alastra pelo mundo de maneira acelerada e desenfreada e está sendo, aos poucos, discutido no âmbito das políticas educacionais.

A violência está se transformando juntamente com o homem contemporâneo e não podemos negar que desde os tempos remotos as agressões estão presentes. Disputavam os espaços, os alimentos, as mulheres, o respeito, a autoridade. “O viver em sociedade foi sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente, ela sempre aparece em suas várias faces” (ODALIA, 1985, p.13).

De acordo com tal perspectiva, é possível destacarmos alguns fatores que proporcionaram o aumento da violência em nossa sociedade nos últimos anos: o rápido processo de urbanização das cidades, a acelerada industrialização, a cultura de consumo, o desemprego, famílias desestruturadas, o narcotráfico, a exclusão social, o social e econômico.

Essa violência que saiu das ruas dos grandes centros urbanos e foi fazendo vários percursos, sendo um deles a sua entrada nas escolas.

Muitos autores, dentre eles Sposito (2001), realizaram várias pesquisas sobre as relações entre violência e escola no Brasil. “[...] o tema da violência, sobretudo aquela que ocorre nos grandes centros urbanos na sociedade brasileira, é parceiro do processo de democratização, à medida que, a partir do início dos anos 1980, essa questão eclode com força no debate público” (p. 90).

Por meio dos estudos realizados na década de 1980 e da mídia que intensificava as reportagens sobre a violência escolar iniciaram-se alguns debates sobre a questão da violência na escola e propostas que viabilizassem a segurança para todos os atores da instituição escolar.

Essas manifestações de violência estão saindo das ruas e cada vez mais adentrando pelos portões das escolas deixando alunos, pais e professores preocupados com a convivência desses “garotos problemas” com os outros alunos. Percebemos que esses conflitos podem ocorrer tanto em escolas públicas como particulares, apesar de apresentarem realidades distintas.

A situação é mais agravada quando o aluno não se sente parte da escola e com esse desinteresse causa a impaciência e indisciplina. O professor, muitas vezes, não está preparado para lidar com esse tipo de situação e o descompromisso com o aluno poderá agravar mais ainda o problema. “Também já não é evidente que o aluno tenha a obrigação de ir à escola todos os dias (afinal de contas, quando ele não está lá, não incomoda ninguém...)” (CHARLOT, 2005, p. 131).

É de suma importância que as portas das escolas estejam abertas aos pais e a comunidade para que juntos consigam enfrentar os desafios para a construção de uma sociedade em que os direitos humanos sejam respeitados como prioridade na construção da cidadania, pois a escola incorpora, reproduz e reflete aspectos da sociedade, sejam eles positivos ou não.

A fim de melhor apresentarmos os resultados da pesquisa o texto está organizado em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro apresenta-se uma

discussão teórica sobre a construção da violência, a opinião de alguns teóricos referente ao tema, a diferenciação sobre a violência na escola, da escola e à escola e, finalizando o capítulo, trazemos as manifestações da violência escolar no cotidiano escolar brasileiro.

O segundo capítulo tem como foco os caminhos metodológicos da investigação, o campo de pesquisa, os instrumentos utilizados, como foi desenvolvido o trabalho e os sujeitos da pesquisa.

Já no capítulo terceiro fazemos uma análise dos dados obtidos por meio de questionários aplicados aos alunos da terceira e quarta série do ensino fundamental menor, não sendo possível realizar neste trabalho entrevista com os alunos, apesar da fala ser primordial em um trabalho de pesquisa, pois ficou acordado com a direção da escola que somente seria efetuado questionários para não haver constrangimento entre os alunos, além de professores, mães e coordenadoras da escola, em torno de aspectos relacionados à questão da violência na escola.

Assim, percorrendo esse caminho, tentamos buscar elementos que possam contribuir para compreender as situações de violência nas escolas, principalmente no momento do recreio, de uma escola pública da rede municipal de Aracaju, focando, especialmente, os alunos da terceira série (quarto ano) e quarta série (quinto ano) do ensino fundamental menor, trazendo para esse debate a percepção dos alunos, dos professores, dos pais e da direção da escola.

Compreende-se que é preciso buscar estratégias de superação dos problemas, criando um ambiente em que alunos, professores, diretores, demais funcionários e comunidade se sintam pertencente ao universo escolar, restabelecendo vínculos e relacionamentos positivos, sem a perda da identidade (ABRAMOVAY, 2005, p. 32).

Esperamos que essa monografia seja de grande valia e possa colaborar na compreensão e enfrentamento da questão da violência nas escolas.

CAPITULO 1

VIOLÊNCIA E SOCIEDADE: A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

1.1 – Construindo uma leitura histórica sobre a questão da violência

Conceituar violência requer certa cautela. Seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam e se modernizam. A violência, nos últimos anos, ganhou uma dimensão inquietante e muitas são as razões sociais que geram essa violência. Podemos destacar a pouca participação da juventude nas questões políticas e na produção econômica, a mídia, a grande quantidade de pessoas morando nas ruas, a falta de acesso à educação básica, o ambiente familiar, o desemprego, o álcool, as drogas, a desigualdade social, a corrupção.

Identificamos que vários são os fatores geradores de violência, mas como é definido o termo violência? Segundo o Dicionário Houaiss (2010, p. 804), violência é a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”.

Além disso, a violência pode ser entendida como abuso intencional de poder que causa dano material, psíquico e/ou moral a outrem alcançando os planos físicos e simbólicos (CANDAU, 2001; LUCINDA, NASCIMENTO E CANDAU, 2001). Um fenômeno social, cultural e economicamente determinado na contemporaneidade, principalmente nas sociedades capitalistas marcadas pela desigualdade e individualismo.

Nesta perspectiva, a violência nos priva do direito à liberdade e nos coloca em posição de prisioneiros de alguém ou de algo. Percebemos as consequências na paisagem urbana em que os muros das residências tornam-se progressivamente mais altos.

Hoje, a arquitetura perde seu sabor pela vida exterior, interioriza-se, e o que se busca, desesperadamente, é a segurança e a defesa. Defendemo-nos de tudo. Os espaços são fechados, a casa é projetada para dentro de si mesma, o exterior é abandonado, pois é o perigo a ser evitado, não a beleza a ser conquistada. A arquitetura do espaço aberto cedeu seu lugar a uma arquitetura de defesa e proteção (ODALIA, 1985, p. 10).

Isso demonstra como o medo está afetando a sociedade, dos mais ricos aos mais pobres, dos donos de grandes empresas a pequenos armazéns de bairro. Não se pode mais passear a noite para sentir a brisa, apreciar as estrelas ou mesmo sentar em um bar para conversar com amigos. Para as práticas de atos violentos não existe horário, temos que estar atentos a tudo e a todos, confiamos pouco nas pessoas, não se pode mais deixar crianças com babás ou em creches e idosos com cuidadores porque também estão sujeitos a violência.

A violência, no seu sentido amplo, tem uma representação particular no imaginário das pessoas, e tem também sentidos diferentes se ela é vista do ponto de vista da vítima ou do agressor. Entretanto, entende-se em geral como violência tudo aquilo que não é desejado por outrem, e que se lhe impõe pela força simbólica ou concreta, e que, portanto, se coloca na contramão do desejo respaldado pela diferença (VELHO, 1996, apud MARRA, 2007, p. 35).

Será que a violência é natural do homem? O homem só sobrevive se for violento? A violência dá prazer? A violência tornou-se natural? São questionamentos difíceis de serem respondidos. Há alguns que não conseguem assistir pela televisão ou mesmo ouvir pelo rádio notícias que falam sobre violência, mas há outros que procuram saber quantos morreram e se houve sobreviventes, se o que cometeu o crime se suicidou ou foi morto pela polícia, ficam esperando o próximo espetáculo televisivo.

Vários são os tipos de violência existente no meio social, dentre os quais destacamos a violência simbólica, institucional, doméstica, social, escolar e tantos outros que estão se tornando naturais pela proximidade do homem com os atos violentos.

Podemos definir a violência simbólica como uma “imposição ‘legítima’ e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo do trabalho” (L’APICCIRELLA, 2003, p. 01). O dominado não se percebe vítima de seu opressor considerando a situação de dominação natural e inevitável.

Para Bourdieu, segundo Nogueira M., Nogueira C. (2009), a violência simbólica está ligada a imposição da cultura de um grupo, que a tem como única e verdadeira, apresentando-se como superior aos demais.

No conjunto da sociedade, tenderia a prevalecer, portanto, a imposição de um determinado arbitrário cultural como a única cultura legítima. Os indivíduos normalmente não perceberiam que os bens culturais tidos como

superiores ou legítimos ocupam essa posição apenas por terem sido impostos historicamente pelos grupos dominantes (p. 33-34).

A escola, muitas vezes, torna-se um local em que a violência simbólica é exercida. Ela, a violência simbólica, está presente quando a escola anula no aluno a capacidade de pensar, desenvolver sua criatividade e habilidade e, ainda impõe conteúdos sem significados, sendo irrelevante para a vida do aluno.

Sobre a violência institucional Odália (1985) afirma que “toda violência é institucionalizada quando admito explícita ou implicitamente, que uma relação de força é uma relação natural – como se na natureza as relações fossem de imposição e não de equilíbrio” (p. 35). Ainda afirma que essa violência é promovida por meio da desigualdade, da indiferença, do sofrimento, da imposição de normas e leis que estabelecem limites do que é permitido ou não dentro da sociedade.

Para Monteiro e Melo (s/d), “a violência doméstica e social estão interligadas, de modo que as crianças submetidas a maus tratos têm maior possibilidade de estender a violência de casa para a rua”.

A violência escolar, por sua vez, se delinea como uma problemática crescente que necessita de atenção por tornar a escola um território de agressões e conflitos (ABRAMOVAY, 2005).

Há uma cultura de medo na sociedade brasileira em que a desconfiança no outro prevalece. Há também quem veja a violência como natural por presenciar tantos atos violentos em seu cotidiano, principalmente os jovens e as crianças que são as maiores vítimas.

A naturalização de comportamentos violentos pela cultura de massa é, sem dúvida, outro fator que reforça a banalização da violência. Uma cultura do medo, da desconfiança, da competitividade, da insegurança, da representação do outro como inimigo, particularmente se pertence a diferente universo social e cultural, permeia as relações interpessoais e sociais cada vez com maior força, especialmente nas grandes cidades. Crescem as manifestações de uma sociabilidade violenta, tais como gangues, violência no esporte e nos bailes, especialmente entre os jovens. (LUCINDA, NASCIMENTO, CANDAU, 2001, p. 25)

De acordo com Marra, “a violência tem vários rostos e varias raízes” (2007, p. 25). Ela parte de todas as classes sociais, mas está mais evidente nas classes populares por alguns fatores: econômico, social, financeiro, familiar. A violência atinge as pessoas de maneira tão sutil, tão disfarçada que não percebem o estrago realizado e, conseqüentemente, dando passagem a sua sutileza, a sua discrição.

Segundo Fukui (1992, p. 103), “agressões físicas, brigas, conflitos podem ser expressões da agressividade humana, mas não necessariamente manifestações de violência. Na violência, a ação é traduzida como violenta pela vítima, pelo agente ou pelo observador. A violência ocorre quando há desejo de destruição”.

A violência também pode ser manifestada de forma banal com pichações ao patrimônio público e privado, risos, deboches e de forma mais agressiva como empurrões, puxões de cabelo, chutes, agressão física, que por esses desentendimentos pode causar a morte.

Podemos constatar que os moradores dos bairros pobres se tornam as maiores vítimas da violência pela falta de segurança pública, enquanto os mais ricos vivem em locais mais seguros, protegidos por seguranças particulares e todos os tipos de equipamentos modernos, mas não estão livres de serem acometidos por atos violentos.

A violência também pode manifestar-se na escola, sendo produzida no interior da própria instituição ou na sociedade em geral, caracterizando-se de maneira variada em suas causas e manifestações – as que mais se destacam são “a depredação do patrimônio físico; a interferência de grupos externos (particularmente aqueles ligados ao tráfico e às gangues); a briga e a agressão física e moral” (LUCINDA, NASCIMENTO E CANDAU, 2001).

Nesse contexto, há grande preocupação social sobre o aumento de jovens e crianças que se tornam vítimas de traficantes e gangues que rodeiam os espaços escolares externos para seduzi-las, procurando afastá-las do convívio escolar ou mesmo manipulando-as em benefício próprio.

Quando nos referimos à violência, é importante distinguirmos alguns aspectos em que ela é manifestada:

[...] ela [a violência] é manifestada através do pensamento, passando por aquela inserida no sistema de produção das sociedades industriais e chegando à violência do crime de rua vulgarizado em sua brutalidade nas grandes concentrações urbanas do mundo contemporâneo. Todas essas manifestações tomam, às vezes, formas mais ou menos intelectualmente sofisticadas, e servem para mostrar uma face do homem não-racional, primitivo, imune a qualquer tipo de limitação ou controle por parte da sociedade (BARRETTO, 1992, p. 60).

Referindo-nos a violência escolar podemos destacar as atitudes de crianças e jovens nesse espaço de aprendizagem. Esses sujeitos transferem, muitas vezes, as agressões físicas sofridas no ambiente familiar, no local em que vivem e do próprio Estado para o outro colega, o professor, a equipe da escola, como forma de obter respeito ou de liberar a agressividade que lhe é transmitida.

Como a questão da violência escolar atualmente ganha espaço nos noticiários, muitas vezes de maneira distorcida, procurei fundamentar meus questionamentos em bases sólidas por meio de alguns autores que se especializaram em debater e escrever sobre o tema da violência na escola. Veremos a seguir o que dizem alguns autores.

1.2 – O que dizem alguns autores sobre violência escolar

A questão da violência e as violações dos direitos humanos em nosso país eclodem no início dos anos 1980 pela necessidade de serem discutidos os altos índices de violência que estavam se instalando nos grandes centros urbanos e a sua entrada nas escolas por diversos fatores, dentre eles, o narcotráfico, a violência doméstica, a violência contra crianças e jovens, o ambiente familiar, o fator econômico, o desemprego.

Segundo Odalia (1985, p. 14), a violência “aparece também nos fantasmas que o homem cria em seu processo civilizatório; buscando respostas às coisas desconhecidas que interroga, faz delas violências e lhes responde frequentemente com violências”. Desde a

antiguidade o homem faz valer a sua força para obter o alimento, o respeito e garantir o poder de comandar outros homens.

As manifestações de violência saíram das ruas e foram para o entorno da escola, se fortaleceram do medo dos alunos, dos professores, diretores e os outros atores que constituem a escola, e se instalaram dentro das escolas se tornando presentes em seu cotidiano atemorizando a uma sociedade que não estava, e não está, preparada para a perda de crianças e jovens que são mortas, às vezes, por motivos banais.

De acordo com Candau (2001, p. 29) “não raras vezes as *galeras* utilizavam a instituição escolar como locus para a solução de pendências com grupos rivais. Assim, brigas que começaram em outras instâncias acabam sendo estendidas ao espaço escolar ou às proximidades deste”. É a saída das rivalidades das ruas para as escolas, é a violência gerando violência.

A sociedade cobra do Estado ações para amenizar a situação de violência fora e dentro das escolas, leis que possam dar segurança e que procure beneficiar aos que são deixados a margem da sociedade, aos que não conseguem obter êxito na escola e são vistos como “incapazes” de aprender e só atrapalham o restante da turma.

A descrença e a necessidade de crer em alguma forma de solução convivem e permeiam amplamente as declarações encontradas em todos os segmentos sociais. Espera-se que o Estado aja a favor dos pobres, mas os que dominam, os “donos do Brasil”, são ricos, incompetentes e corruptos (PAIVA, 1992, p. 80)

Pode-se notar a descrença da sociedade em um Estado que procura beneficiar aos que tem dinheiro para manter a sua segurança e a segurança da família. Entretanto, a maior parte da sociedade ainda acredita que a escola possa promover padrões de comportamentos e atitudes que contribuam para levar um caminho de paz, evitando, assim, a criminalidade nas escolas.

O maior patrimônio que uma escola possui são seus alunos, e estes precisam se sentir confortáveis e atraídos por ela, precisam aprender a confiar em seus professores, a se harmonizar com seus colegas, a serem incentivados por seus familiares.

Diante desse panorama, ao longo da década de 1990, no Brasil, foram realizadas algumas pesquisas sobre a questão da violência nas escolas por algumas organizações governamentais e não-governamentais, procurando diagnosticar os motivos para tais ações.

Embora os resultados sejam bastante fragmentados, é possível considerar que os anos de 1990 apontam mudanças no padrão da violência nas escolas públicas, atingindo não só os atos de vandalismo, que continuam a correr, mas as práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil. Dentre estas últimas, as agressões verbais e ameaças são as mais frequentes. (SPOSITO, 2001 p.94).

Sposito (1991, p.98) ainda afirma que “a violência observada na escola não é exclusivamente escolar”, pois está também ligada a demarcação de espaço de poder, de ser reconhecido diante dos outros impondo o medo, de estigmatizar o outro por sua origem e o local onde vive.

Para Marra (2007, p.56), a violência na escola não é um fato recente, mas não havia tantas interferências como podemos perceber nos dias de hoje. Os alunos eram castigados fisicamente e moralmente para respeitar as regras e as normas institucionais, assim, poderiam ser disciplinados e moldados de acordo com a autoridade escolar.

Como diz Odalia (1985, p.57), “a educação sempre foi um instrumento privilegiado de dominação e isso é facilmente explicável por ser um processo longo, contínuo e que trabalha com um material altamente sensível, a criança e o jovem”.

Corroborando com Odália, podemos dizer que na escola há uma diferença entre a cultura escolar e a cultura juvenil e essa dicotomia pode ser uma fonte geradora de conflitos de violência na escola.

Na escola o jovem é despedido da condição identitária de ser jovem e se transforma em “aluno”, ou seja, na escola, o jovem é visto por perspectiva exterior a ele, em uma imposição normativa do sistema de ensino, perdendo-se de vista a diversidade, as buscas e os parâmetros de comportamento que fazem parte das modelagens de juventude (ABRAMOVAY, 2005, p. 72)

Essas afirmações propõem um olhar diferenciado à questão da violência escolar, um olhar voltado para a superação, a uma construção de auto-respeito e de respeito ao outro, um olhar

social que discuta se é tarefa da escola a superação da violência e que amplie as discussões em torno da violência na escola, à escola e da escola.

1.3 – O que é violência na escola, à escola e da escola?

Para um maior entendimento sobre a definição de violência na escola, à escola e da escola, busquei nas análises de alguns autores distinguir esses conceitos.

Segundo definição de Charlot:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores, ou os insultam, eles se integram a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...) (2005, p. 126).

Assim, podemos constatar que é muito importante esta distinção, pois acarreta a impotência da escola mediante a violência sofrida a todos os seus atores e aos que adentram indevidamente em seu espaço.

A violência na escola prejudica o desenvolvimento escolar e cria um clima de terror e insegurança. Invadir as escolas para acertar contas está se tornando uma constante e as escolas públicas são as que mais sofrem com essas invasões, principalmente, nas escolas próximas aos morros e comunidades pobres pela maior proximidade as questões do narcotráfico.

A estrutura política educacional não está preparada para enfrentar esses abusos, colocando em risco o acesso de todos a uma educação de qualidade. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal n. 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996, “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do

educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, mas como ter liberdade, solidariedade, exercer cidadania e qualificar-se para o trabalho se em algumas localidades as escolas precisam ser fechadas por ordens de traficantes?

É indispensável a organização de uma política educacional e social que possa reduzir essas arbitrariedades para que não seja frequente as agressões com armas e as competições entre gangues do narcotráfico.

Ainda destacando uma definição para a violência na escola, Abromovay (2005, p. 70) define que “é um fenômeno múltiplo e diverso, que assume determinados contornos em consequência de práticas inerentes aos estabelecimentos escolares e ao sistema de ensino, bem como as relações sociais nas escolas”. Observa ainda que analisando a escola na contemporaneidade percebe-se que a instituição escolar está se tornando um local de reprodução de desigualdades e não de inclusão.

Entra em questão a violência à escola e da escola. Alunos danificam prédios, agredem professores, diretores e demais funcionários da escola. Há também a agressão de professores a seus alunos sendo a violência verbal a mais identificada entre esses atores. Professores que exteriorizam seus traumas nos alunos por meio de castigos físicos e morais. Há desrespeito de todos os lados, a insegurança é visível no meio escolar e social. Alunos que buscam ampliação de conhecimentos ficam com medo de frequentar a escola por verem tão próximas ações violentas de outros colegas e professores.

A escola produz violência, de forma sutil, escondendo-se sob o nome de “evasão”, “reprovação”, promovida pelos próprios educadores, por meio de regulamentos opressivos, currículos e sistemas de avaliação inadequados à realidade de uma comunidade escolar. Nesse ambiente, muitas vezes, intensifica-se a violência que a criança sofre no seu cotidiano social (FACKIN, 2006, p.80)

São visíveis as mudanças que afetam as escolas, como também a mudança do perfil do aluno e seu contexto sociocultural. A escola idealiza um tipo de aluno e absorve outro. “O aluno oriundo das classes populares está acostumado a uma vivência de luta pela sobrevivência, de perigos reais, de necessidades imediatas e concretas em que o desafio é seu cotidiano” (MARRA, 2007, p. 59).

Nesse aspecto, a escola se torna um lugar não prazeroso em que não é enxergada esperança de dias melhores. Torna-se um lugar excludente com mecanismos grosseiros, autoritária e carregada, consciente ou inconscientemente, de mazelas e segregação social.

A violência na forma explícita é controlada nas escolas por meio de punições, mas a violência mascarada, em geral, fica impune, por ser dissimulada ou por ser confundida com indisciplina. A violência implícita é considerada sem gravidade, sem consequências, pois os danos morais ou psíquicos e não físicos o que contribui para uma sensação de impunidade. Esta é uma forma de violência não controlada que ocorre constantemente no cotidiano escolar, e que é banalizada e fica naturalizada (SALLES, SILVA, 2008, p. 158-159).

De acordo com Royer (2003, p.60) existem várias alternativas para que a escola não puna os alunos que manifestam comportamentos considerados ‘difíceis’, pois recorrer à suspensão ou a expulsão desses jovens não irá beneficiar a escola e nem aos jovens. A participação desses jovens na escola é importante, mesmo que a sua conduta perturbe a sua própria aprendizagem ou aprendizagem de seus colegas. A punição não corrobora na socialização de adolescentes e jovens oriundos de ambientes conturbados e menos favorecidos. Constata-se também que alguns professores não conseguem lidar com situações de indisciplina em sala de aula não sabendo intervir de maneira adequada para amenizar o problema.

É imprescindível uma ação em conjunto entre as políticas públicas, a sociedade e, principalmente, a própria escola para encontrarem alternativas que amenize a situação da violência no cotidiano escolar brasileiro, tornando esse local mais prazeroso e seguro para todos que ali buscam aprender e desenvolver seus conhecimentos.

1.4 – A violência no cotidiano escolar brasileiro

No âmbito da sociedade brasileira têm sido cada vez mais preocupantes os níveis da violência nas escolas. Uma das vertentes mais contundentes para diagnosticar os atos de violência nas escolas, muitas vezes, pelos meios de comunicação, é a desigualdade social, no entanto, podemos constatar que não é somente a pobreza, a desigualdade social, a corrupção que se constituem como fatores para atos de violência.

Por meio da mídia, diariamente, recebemos informações verídicas e/ou distorcidas da violência nas escolas, e os questionamentos feitos são para saber por que pouco é feito pelos dirigentes públicos, dando a impressão de que somente as políticas públicas são responsáveis pela segurança e prevenção da violência que atravessou os muros da escola. Quem poderia imaginar que os locais de formação em que pais acreditavam que seus filhos estariam seguros se tornariam pontos fortes de violência?

A sociedade, hoje, é marcada por uma “anorexia moral”, que se reflete no descompromisso, causado pelo sentimento individual de apatia em relação à vida social, na ausência de utopias, na perda do sentido de viver, na falta de solidariedade, na ausência de parâmetros sobre o que é certo e errado. (NASCIMENTO, LUCINDA E CANDAU, 2003, p. 38).

A escola era vista como um instrumento para a ascensão social, uma fonte de informação que tinham em seus profissionais a figura de formadores de indivíduos que seriam preparados para o mercado de trabalho. Não mudou muita coisa. A escola continua sendo vista como fonte de informação e transmissora de saberes com profissionais que preparam o indivíduo para o mercado de trabalho, mas está mais aberta para o diálogo entre pais, alunos e corpo técnico, nos trabalhos com a comunidade e na formação de crianças e jovens conhecedoras de seus direitos e deveres de cidadãos.

Vivemos sempre em mudanças, mudanças essas que alteram nosso cotidiano e com as escolas não há diferença. Toda mudança assusta, incomoda, revoluciona, afeta a sociedade, encanta e desencanta crianças e jovens, dá coragem e incertezas.

Pesquisas realizadas por sociólogos franceses sobre a questão da violência na escola (CHARLOT, 2005, p. 126), apontam que no século XIX houve explosões de violência em certas escolas de segundo grau sendo limitadas com prisões. Pode-se perceber nesse fato que a questão da violência escolar não é recente e com o passar dos anos as formas de violência foram se agravando. Há agressões físicas, verbais, violência simbólica, psíquicas entre outras que poderiam ser contornadas para que não chegassem ao ato concreto. Os pesquisadores encontraram também esse fenômeno de violência em escolas do maternal envolvendo crianças de quatro anos e o que é posto como interrogação e preocupação é de como será o comportamento dessas crianças quando se tornarem adolescentes, o que a escola para elas significará.

Sobre essa questão, é pertinente também dizer que além dos atos violentos entre os alunos, há os atos envolvendo o professor e o aluno e as ações da própria escola com o aluno quando o trata como o diferente, o que não aprende, o problemático, o indisciplinado.

O poder público é muito cobrado para tomar atitudes contra esses atos violentos que permeiam as escolas e prejudicam o desenvolvimento educacional

Desde os primeiros anos da década de 1980, o Poder Público tentou responder ao clima de segurança com dois tipos de medidas: de um lado, aquelas relativas à segurança dos estabelecimentos, cada vez mais sob responsabilidade das agências policiais e, de outro, as iniciativas de cunho educativo, que tentavam alterar a cultura escolar vigente, tornando-a mais permeável às orientações e características dos seus usuários (SPOSITO, 2001, p. 91).

Mas não depende simplesmente de ações públicas, depende também do social, familiar, escolar entre outros fatores que em ação conjunta pode buscar soluções para afastar das escolas a violência.

Constatamos como uma grande perda para a sociedade e ganho para a violência o massacre na Escola Municipal Tasso de Silveira no bairro Realengo em abril de 2011, no Rio de Janeiro, em que um ex-aluno atirou e matou 12 crianças. Vários foram os motivos, apresentados pela mídia, que fez um jovem entrar na escola e assassinar crianças que estavam assistindo aula.

Ouvir nos noticiários que o local onde nossas crianças e jovens deveriam aprender a construir a sua aprendizagem se tornou vermelho por tanto sangue derramado causa dor e revolta. As famílias clamam aos poderes públicos ações para evitar que as escolas se tornem locais de rivalidade entre os alunos e depósitos de indivíduos que descarregam suas revoltas em outros alunos ou professores.

Portanto, há uma constatação de como é importante parcerias entre os poderes públicos e a sociedade para que haja paz nas escolas e, principalmente, nas famílias que é a primeira escola da criança. Houve uma pesquisa desenvolvida por Gonçalves e Sposito (2000) em que já demonstra esse tipo de parceria por meio de um programa chamado Paz nas Escolas em 2000 e aplicado em 14 estados brasileiros.

A sua execução nos estados obedece a uma dinâmica própria, de acordo com as prioridades de cada realidade. Dentre as principais atividades, destacam-se: a) campanhas visando ao desarmamento da população; b) apoio na formação e treinamento, integrando jovens e policiais no ensino de técnicas de mediação de conflitos e c) ações de capacitação de educadores e policiais em direitos humanos e ética” (GONÇALVES E SPOSITO, 2000, p. 07).

É muito relevante essa parceria e muito mais importante a parceria de outros atores como a família e a comunidade. É à família que cabe o papel de primeira educadora e se dentro de casa a criança só convivi com a violência, ela poderá transmitir essa violência as pessoas que a cerca.

Assim, é possível concluir que, se as famílias podem ajudar a manter seus filhos afastados da violência, podem, também, socializá-los para ela. Pais violentos podem estar contribuindo para tornar violentos os seus filhos. Se a violência família pode, de alguma forma, agravar os efeitos da violência urbana sobre as crianças e jovens, é possível concluir que ela produz consequências muito significativas e imediatas sobre a vida escolar... (CANDAU, LUCINDA, NASCIMENTO, 2001, p. 62)

No tocante ao sistema educacional brasileiro, percebe-se que os custos para a prevenção da violência são altos. De acordo com os cálculos do Banco Internacional de Desenvolvimento – BID, os custos da violência no Brasil são imensos. “Os custos institucionais públicos e privados, em agosto de 2001, totalizaram 30 bilhões de dólares. Essa cifra representa cerca de 10,5% do Produto Interno Bruto brasileiro”. (UNESCO, 2003, p.7) Em termos de nível de custos, o Brasil gasta mais tentando reduzir a violência do que com a qualidade da educação e formação para os profissionais.

É imprescindível perceber que os comportamentos violentos nas escolas não são somente de aluno para aluno. As situações de violência envolvendo aluno/professor e professor/aluno tem se multiplicado.

Sposito (2001, p. 94), tomando como referência uma pesquisa publicada em 1998, indica os três tipos de situações que envolvem o tema da violência escolar e que ocorrem com uma maior frequência, são: “as depredações, furtos ou roubos que atingem o patrimônio, as agressões físicas entre os alunos e as agressões de alunos contra os professores”. Ainda de acordo com Sposito, o Estado que apresentou, na época da pesquisa, o maior índice de

agressão ao aluno foi o Distrito Federal (58,6%) e agressões a professores ficou em 33% o Estado de Mato Grosso.

A violência no ambiente escolar está se tornando muito frequente, pois as crianças e os jovens estão se envolvendo muito cedo em atos violentos.

[...] os jovens envolvidos nos casos de violência são cada vez mais jovens. Os alunos de 8 a 13 anos, às vezes, revelam-se violentos até frente os adultos; professoras da escola maternal dizem que também se defrontam com fenômenos novos de violência em criança de 4 anos. Neste caso, é atingida a representação da infância como inocência, que leva os adultos a se interrogarem sobre qual será o comportamento dessas crianças quando chegarem à adolescência. Há igualmente aí uma fonte de angústia social em relação à violência escolar (CHARLOT, 2005, p. 126).

A mídia também nos apresenta outros tipos de agressões de professores contra alunos: colar fita adesiva na boca para que não haja conversa durante a aula, jogar celular de uma adolescente no chão por causa do barulho musical, beliscar o aluno para que fique sentado durante o tempo que estiver na sala, gritar em sala de aula, preconceito de cor entre outros tipos.

No Estado de Sergipe a situação de violência na escola não é diferente. Os professores sofrem com agressões físicas e verbais, intimidações, carros arranhados e ameaças de morte. Segundo informações do Setor de Perícia da Secretaria de Estado da Administração (SEAD), em 2009, 149 professores estavam de licença médica.

Um levantamento realizado pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica da Rede Oficial do Estado de Sergipe (SINTESE) no ano de 2006 – o Perfil das Escolas de Sergipe – mostrou que dentre os 10 principais motivos de afastamento de professores da atividade docente, 25,8% estavam vinculados a problemas no sistema nervoso, como depressão e estresse. Índice bem inferior a outros problemas relacionados mais diretamente à atividade diária em sala de aula, como problemas de garganta (15%) e ortopédicos (6,6%) (OLIVEIRA, 2009)¹.

¹ Esses dados foram obtidos em matéria publicada no Jornal da cidade, disponível em www.clicksergipe.com.br.

Para reverter essa situação, algumas escolas que registravam situações constantes de violência adotaram o programa “Cidadania e Paz” resultado da parceria entre a Secretaria de Estado da Educação (SEED) e Secretaria da Segurança Pública (SSP). Esse programa objetiva conscientizar a comunidade escolar sobre a prevenção de atos violentos nas escolas, não somente a violência física e verbal, mas também as depredações dos prédios públicos.

Esse programa conta com a participação de profissionais especializados da Segurança Pública dentro das escolas para dar palestras, diagnosticar casos de violência e ajudar aos alunos e a comunidade escolar traçar estratégias que vise à elaboração de propostas para a prevenção da violência no ambiente escolar. Além da participação de alunos, professores e profissionais especializados da Segurança Pública, apóiam o projeto o Conselho Tutelar e o Conselho de Segurança dos bairros em que o programa é adotado.

Até quando as nossas escolas resistirão a tantos atos violentos? Quais serão as diretrizes das políticas públicas em meio à violência escolar? Chegará o dia em que as crianças e os jovens não terão medo de irem à escola para construir seus conhecimentos e desenvolverem suas habilidades? Quando todos os atores envolvidos no meio escolar poderão vivenciar um ambiente pacífico e propício para uma real construção da aprendizagem? São perguntas difíceis de serem respondidas.

É visível a necessidade das escolas estarem preparadas e equipadas para enfrentarem a onda de violência que se propaga em seu interior e, muitas vezes, em seu exterior, pois grande parte delas vive em condições precárias. Alunos dividindo a mesma carteira, ou mesmo sentados no chão, quadros deteriorados, salas com tetos depredados. Os governantes, em suas políticas públicas, precisam se organizar para criar ações que sejam capazes de devolver à escola a sensação de proteção e de paz, neutralizando, assim, a violência.

Não há tempo para criar dificuldades e resistência na implantação de projetos que possam viabilizar o encontro da escola com os alunos. A cada dia a situação de atos violentos na escola se torna desesperadora. É preciso ultrapassar as barreiras da omissão e da conformidade. Sabemos que as mudanças não irão ocorrer rápido, mas precisamos começar a encontrar o caminho para que as escolas possam se tornar atraentes e construtoras de conhecimentos e de experiências de vida.

Assim, para enfrentar o desafio de investigar sobre a temática da violência na escola e considerando as múltiplas facetas dessa questão, optamos por desenvolver nossa investigação focando nosso olhar sobre a questão da violência física na escola. Desse modo, buscamos melhor compreender o que pensam os diferentes sujeitos que interagem no ambiente escolar adotando um recorte qualitativo para nosso estudo.

Apresentaremos, portanto, a seguir, as bases metodológicas adotadas para a investigação.

CAPÍTULO 2

OS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

A metodologia adotada para a pesquisa é de cunho qualitativo baseada na utilização de entrevista semi-estruturada, questionário, conversa informal, além de revisão bibliográfica.

São sujeitos dessa pesquisa alunos da educação infantil, somente como observação – não é o foco principal da pesquisa, a quarta série (quinto ano), professores, coordenadora geral, coordenadora pedagógica e mães de alunos. Vale registrar que a identidade dos sujeitos foi preservada para o que utilizei nomes fictícios.

Nessa pesquisa, busquei entender porque crianças com idade de 4 aos 15 anos demonstram uma agressividade demasiada para a idade e quais os fatores que as conduzem ao envolvimento com situações de violência na escola. Defini essa faixa etária por ter percebido nessas crianças uma leve tendência a agressão física e verbal, sendo que os questionários foram aplicados somente aos alunos da terceira (quarto ano) e quarta série (quinto ano).

Ao mesmo tempo, procurei ler autores que tratam sobre o tema violência na escola tais como Charlot (2005), Fukui (1992), Ambramovay (2005), Royer (2003), Odália (1985), Marra (2007), Candau (2001), Sposito (2001), entre outros, de modo a aprofundar meu conhecimento sobre os debates em torno da temática em questão, pois “uma pesquisa sem teoria corre o risco de ser uma simples opinião pessoal sobre a realidade observada” (MINAYO, 2008, p. 19).

Para conhecer melhor o campo pesquisado apresento no próximo subitem uma descrição mais detalhada da Escola.

2.1 – Campo de pesquisa: breve apresentação

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Tom Jobim”², localizada na cidade de Aracaju envolvendo da educação infantil a 4ª série (5º ano) do ensino fundamental. A escola “Tom Jobim” foi escolhida por ser próxima a minha residência e, principalmente, por ter realizado, nessa Escola, uma pesquisa no ano de 2010, quando pude identificar que havia, entre alguns alunos, certa agressividade nas brincadeiras na hora do recreio.

A Escola funciona nos turnos matutino e vespertino sendo o horário da noite reservado para reuniões de pais.

A Escola pesquisada integra a rede municipal de ensino e fica localizada no bairro 18 do Forte, uma área residencial, oferecendo o ensino infantil e o fundamental até o quinto ano.

Não foi possível obter dados quanto a um histórico mais detalhado da escola uma vez que não localizamos documentação, na própria escola, capaz de contribuir nesse ponto. Além disso, a atual direção não tem conhecimento sobre o surgimento da instituição e a necessidade de sua construção naquele local, se foi uma exigência dos moradores ou uma iniciativa própria do município.

Atualmente, a Escola possui quatro classes de educação infantil com um total de noventa alunos, tendo em média vinte e dois alunos por classe e quatorze classes de ensino fundamental com um total de trezentos e dezoito alunos, tendo em média vinte e três alunos por classe. O prédio da escola está em boas condições, é de alvenaria e possui uma área coberta e cimentada para as atividades de educação física.

Existem duas salas, que por sinal são grandes e bem arejadas, destinadas a educação infantil, no horário matutino e vespertino.

Possui ainda um refeitório, uma sala de informática, uma biblioteca com livros ilustrados, revistas em quadrinhos, paredes decoradas e mobiliários adequados para a idade

² Utilizamos um nome fictício para a Escola a fim de resguardar a identidade dos sujeitos que participaram da pesquisa.

dos alunos. Há duas salas no andar superior e cinco salas no térreo. Sala para a secretaria, sala dos professores, sala da coordenação, dispensa, cozinha, sala de arquivo, almoxarifado. Há quatro banheiros, dois femininos e dois masculinos, com tamanhos dos vasos e pias adequados aos alunos, não possui chuveiros. Quanto aos equipamentos audiovisuais há um microsystem, um vídeo e uma televisão. Conta também com três bebedouros considerados suficientes para a quantidade de alunos.

Possui uma boa segurança, o muro é alto e há um sistema de alarme com cerca elétrica. Há um funcionário responsável pela entrada e saída de alunos, professores, equipe técnica e outras pessoas.

Referente ao aspecto organizacional foi observado que não há uma associação de pais e mestre, e sim um conselho escolar que no momento está em fase de estruturação.

O quadro de funcionários está assim distribuído: uma coordenadora geral, uma coordenadora pedagógica, uma assistente (todas funcionárias efetivas), vinte professores (dezoito efetivos e dois estagiários), duas professoras que dão suporte pedagógico, duas servente (efetivas), três vigilantes (efetivos) e quatorze funcionários prestadores de serviços.

Na distribuição das funções a coordenadora geral é responsável pela administração da escola, a coordenadora pedagógica trata da organização de horários dos professores e das reuniões de pais e professores; a coordenadora administrativa fica responsável pela matrícula dos alunos, organização de classe e atribuição de classes a professores.

O critério utilizado para a seleção dos alunos é a proximidade entre a escola e a residência, sendo que existem alunos, em menor quantidade, de outros bairros.

O controle do trabalho docente é feito por meio de planejamento e reuniões. As reuniões de professores são semanais.

2.2 – Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram alunos da terceira série (quarto ano), turma A e B, e da quarta série (quinto ano), turma B e C, do ensino fundamental, sendo um total de noventa e cinco alunos. Esses alunos foram escolhidos para responderem a um questionário por terem

maior domínio na leitura e na escrita. Além disso, eles, os alunos, foram observados durante o recreio ao longo de seis dias alternados, pois, como minha pesquisa trata da violência física na escola era fundamental verificar se durante as brincadeiras haveria algum tipo de agressividade entre eles. O tempo relativamente curto de observação ocorreu porque o local em que os alunos brincam não é coberto e quando chove eles lancham na sala de aula. Por outro lado, eu também estava sendo observada pela coordenação e os alunos não ficavam a vontade para brincarem por causa do controle das coordenadoras e auxiliares de limpeza.

Por ter percebido na pesquisa realizada em 2010 um comportamento de agressividade nas crianças da educação infantil, com idade entre quatro a seis anos, procurei observar se mesmo depois de dois anos ainda haveria esse tipo de comportamento, mesmo não sendo o foco principal da pesquisa.

Assim, estiveram inseridos na pesquisa, como sujeitos, quarenta e cinco alunos da educação infantil, noventa e cinco do ensino fundamental, os quatro professores responsáveis pelas turmas da terceira e quarta série e a direção da Escola (Coordenadora Geral e Pedagógica), sendo que os alunos da Educação Infantil não responderam ao questionário, somente os demais sujeitos.

Foram envolvidas, indiretamente, algumas auxiliares de limpeza, a secretária da escola e uma vigilante junto aos quais efetuei conversas informais.

2.3 – Instrumentos de produção e coleta de dados

Como instrumentos para a pesquisa foi adotado a entrevista semi-estruturada, ocorrida no ano de 2010 com uma mãe, uma professora e a coordenadora geral. Apliquei em 2012 um questionário com perguntas abertas e fechadas a cinquenta e nove alunos da terceira série (quarto ano), trinta e seis alunos da quarta série (quinto ano), dois professores da terceira e dois professores da quarta série, a coordenadora geral e a coordenadora pedagógica, além de conversa informal com um professor da terceira série (quarto ano), uma auxiliar de limpeza e uma vigilante.

Além dos instrumentos acima utilizei a observação como estratégia de coleta de dados. Procurei observar o comportamento entre os alunos, suas brincadeiras, suas conversas.

A observação é essencial em um trabalho de campo na pesquisa qualitativa, pois, “sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a consideram não apenas uma estratégia no conjunto da investigação das técnicas de pesquisa, mas como um método que, em si mesmo, permite a compreensão da realidade” (MINAYO, 2008, p. 70).

As minhas observações eram anotadas em um caderno de campo logo após chegar a minha residência, pois ficou combinado com a coordenadora geral que eu não levaria nenhum material para anotação por causa da curiosidade dos alunos em saber o que eu estaria escrevendo e mudar o comportamento durante o recreio. Mas também para que a direção não ficasse apreensiva pelas minhas anotações se ocorresse algo que saísse da rotina da escola.

Foi aplicado junto aos alunos um total de noventa e cinco questionários conforme discriminado no Quadro 1 abaixo:

Série	Turno	Quantidade total de alunos por turma	Presentes no dia da aplicação do questionário	Ausentes no dia da aplicação do questionário	Sexo feminino	Sexo masculino	Varição da idade
3 ^a	Manhã	36	28	08	18	18	09 aos 15
3 ^a	Tarde	36	31	05	24	12	09 aos 17
4 ^a	Manhã	17	15	02	08	09	10 aos 15
4 ^a	Tarde	23	21	01	10	13	10 aos 17
Total		112	95	16	60	52	

Fonte: PAIXÃO, 2012

Alguns alunos perguntaram, antes de responder o questionário, se as respostas seriam entregues a coordenação da escola quando então esclarecemos se tratar de um trabalho de pesquisa que eu estava fazendo para a universidade.

Responderam também um questionário os quatro professores das turmas selecionadas, sendo que o da terceira série passou duas semanas para devolvê-lo e os demais responderam e devolveram imediatamente.

Foi escolhido o questionário como um dos instrumentos da pesquisa com o objetivo de obter uma quantidade variada de respostas dos alunos, professores e coordenação, pois, o

tema da violência escolar ainda é visto com um assunto que precisa ser comentado com muita cautela. “É importante ainda que o pesquisador não se restrinja ao conteúdo manifesto das anotações, mas procure aprofundar-se, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e pontos sistematicamente omitidos” (ANDRÉ, 2006, p.44-45).

As entrevistas que foram realizadas no ano de 2010 foram inseridas nessa pesquisa para subsidiar as informações obtidas por meio das observações, questionários e conversas informais realizadas no período de março a maio de 2012.

2.4 – Desenvolvimento do trabalho de campo

A pesquisa foi realizada na escola desde o ano de 2010 tendo se iniciado enquanto atividade vinculada à disciplina estágio I³. Nessa época pudemos constatar que as agressões entre os alunos eram constantes. Os alunos se agrediam verbalmente e às vezes fisicamente, sem motivos aparentes. No intervalo para o lanche eles “brincavam” de chutes, de muros nas costas, de puxar o cabelo, etc.

Participamos de duas reuniões de pais, em 2010, e o que constava na pauta, inicialmente, era a ocorrência das agressões entre os alunos. Na primeira reunião foi relatado pela professora Deise⁴ que duas alunas se agrediram em sala devido a ciúme da amizade que a aluna agredida tinha estabelecido com uma terceira colega. O resultado dessa agressão foi um pouco de cabelo arrancado de cada uma. A atitude da professora foi direcionar essas alunas para a coordenação e a coordenação além de uma boa conversa suspendeu as alunas durante três dias.

Na outra reunião a pauta inicial se resumia na agressão que um aluno de oito alunos sofreu. Ele foi atingido na cabeça com uma carteira por outro colega, que é primo do agredido. A criança foi conduzida a um hospital da cidade para ser atendida e depois conduzida a sua residência. Perguntamos à mãe se ela foi avisada imediatamente do ocorrido

³ Essa pesquisa foi um pré-projeto realizada juntamente com a estudante de Pedagogia Rosimeire Santos Araújo no âmbito da disciplina Estágio I.

⁴ Utilizamos um nome fictício a fim de resguardar a identidade dos sujeitos que participaram da pesquisa.

e a resposta foi que não, ela soube do acontecido pela filha de uma vizinha. Quando ia se dirigir à escola para saber o que realmente houve a diretora da escola já estava trazendo a criança para casa. A agressão resultou em quatro pontos na cabeça.

Em 2012, retornei a mesma escola para verificar, por meio da observação, se os alunos continuavam a se agredir ou se teria ocorrido alguma alteração nesse panorama.

Durante o mês de fevereiro tentei conversar com a Coordenadora Geral Paula⁵ sobre a continuação da minha pesquisa, mas foi difícil encontrá-la na escola e, às vezes, o porteiro dificultava o meu acesso. Consegui o contato no mês de março, expliquei a minha proposta e fui liberada para observar os alunos durante o recreio. Iniciei a visita a Escola no final de março.

Assim que cheguei procurei a Coordenadora Geral para confirmar a minha presença, como ela não se encontrava naquele momento procurei informação com a Coordenadora Pedagógica se estava ciente de que eu iria comparecer alguns dias para observação, após afirmar que sim procurei sentar-me para esperar os alunos que ainda se encontravam nas salas. Além de mim estavam presentes no pátio da escola a Coordenadora Geral, Administrativa e algumas auxiliares de limpeza o que achei estranho, pois nas minhas pesquisas anteriores não havia tantos funcionários para observar o recreio dos alunos. Eu fui observada pela coordenação durante o tempo da pesquisa. Eu observava os alunos e a coordenação me observava. Senti-me constrangida em não poder conversar com alguns alunos e observar suas brincadeiras e conversas mais de perto.

Assim, entre final de março e meados de abril passei a frequentar a escola, mas só consegui aplicar o questionário no início de maio porque as duas últimas semanas de abril os alunos estavam realizando provas. Apliquei o questionário junto a duas turmas da terceira série (quarto ano) e duas turmas da quarta série (quinto ano).

No horário da manhã o recreio ocorre das 09h00 às 10h00, sendo que as turmas do primeiro, segundo e terceiro ano brincam das 09h00 às 09h25, o quarto e quinto ano das 09h30 às 09h55. Essa separação é justificada pela coordenação porque os alunos maiores

⁵ Nome fictício.

criam problemas com os menores, sendo necessário evitar esse contato. Verifiquei que nos dois horários do recreio da manhã as crianças são mais calmas. Brincam de amarelinha, correm e se esmurram um pouco, mas não como os alunos da tarde. Com a minha presença os funcionários continuam controlando as brincadeiras dos alunos.

No horário da tarde o recreio se inicia as 15h00 para os alunos do primeiro ao terceiro ano e as 15h30 para os alunos do quarto e quinto ano. Após o toque da sirene os alunos do primeiro ao terceiro ano saíram da sala correndo, uns foram para o refeitório lanchar, outros lanchavam ali mesmo, no pátio, outros brincavam de amarelinha desenhadas no chão e outros começaram a correr de um lado para outro, o espaço é pequeno para todos.

Depois de alguns minutos as brincadeiras começaram a mudar: alguns alunos começavam a chutar no estômago de outros, empurrões, apertarem o corpo e pescoço do outro colega. Outro aluno fez gestos com seus dedos como se fosse uma arma e atirava bem próximo da cabeça de seu colega. Um grupo de alunos se aproximou de uma aluna, que estava lanchando, para lhe dizer algumas coisas que não pude ouvir por estar mais distante, mas percebi que a garota chorava e os colegas a vaiavam. Mostrei à ação desses alunos a vigilante que estava sentada ao meu lado, ela levantou-se e mostrou a auxiliar que se encontrava mais perto e não tinha se incomodado com a situação até perceber que eu observava com um pouco mais de atenção.

A turma do quarto e quinto ano também saiu da sala correndo e agitados, mas não da mesma maneira que os alunos do primeiro, segundo e terceiro ano. Uns foram lanchar no refeitório, outros lanchavam no pátio e outros correram para brincar de amarelinha. Percebe-se claramente que há uma divisão entre meninos e meninas, cada grupo faz a sua roda em separado. Constatei também que entre os meninos havia um líder, os outros colegas o seguiam onde fosse. Entre as meninas verifiquei que faziam rodas de conversas para falarem sobre os garotos. Como estava limitada a observar não tive oportunidade para estabelecer contato direto com os alunos para conversas informais tratando da opinião deles sobre o ambiente escolar. É certo que a observação e minha presença contribui para cercear esse contato direto com os alunos.

Cheguei algumas vezes atrasada para que os funcionários pudessem imaginar que eu não iria fazer a visita naquele dia e pude constatar, que nesses casos, não havia a mesma quantidade de funcionários observando os alunos no recreio como nos dias em que cheguei

mais cedo. Contudo, diante da minha presença a coordenação procurava aumentar o número de observadores e também ficava no pátio até o término do recreio.

Em uma conversa informal com a vigilante Maria⁶, fui informada de que os alunos mais agressivos já tinham completado o fundamental menor e já não faziam mais parte da instituição de ensino. “Agora as coisas por aqui estão bem melhor porque os alunos não brigam tanto como antes”, relatou a vigilante.

Vale acrescentar que durante as minhas visitas a Escola para agendar os horários das observações fui informada pela secretária, que os alunos considerados “problemáticos” já não faziam parte da instituição e não seria difícil perceber que os alunos da tarde são bem mais agitados do que os alunos da manhã.

Comparando o primeiro momento de observação em 2010 e a observação realizada no primeiro semestre de 2012, posso afirmar que houve mudanças referentes às agressões físicas. Não percebi, em minha observação, a mesma agressividade verificada há dois anos. Meu interesse em fazer a pesquisa na Escola “Tom Jobim” foi despertado exatamente por observar crianças se agredindo constantemente, procurando entender os fatores que condicionavam a essas agressões.

Quanto às observações na Educação Infantil, se tornou um complemento para a pesquisa, pois percebi que os alunos – os meninos eram bem mais agressivos do que as meninas, nos dois dias de visita as ocorrências de agressividade geravam em torno dos meninos - entre quatro a seis anos demonstram uma agressividade maior nas brincadeiras do que os do ensino fundamental menor. Eles brincavam de empurrões, chute no estômago, apertos no pescoço. Um colega jogou o outro no chão pisando no rosto e chutando na barriga. Colocavam as pernas para as meninas caírem quando passassem correndo, havia xingamentos e cuspidas nos rostos.

⁶ Nome fictício

Foram momentos de perplexidade por não imaginarmos que crianças que estão iniciando a formação escolar trazem em si tanta agressividade.

[...] professoras da escola maternal dizem que elas também se defrontam com fenômenos novos de violência em crianças de quatro anos. É a representação da infância como inocência que é atingida aqui, e os adultos se interrogam hoje sobre qual será o comportamento dessas crianças quando se tornarem adolescentes. Há igualmente aí uma fonte de angústia social face à violência escolar (CHARLOT, 2005, p. 126)

Quanto à aplicação do questionário tivemos algumas dificuldades.

Em uma turma da terceira série, da manhã, e as duas da quarta série, manhã e tarde, a aplicação dos questionários ocorreu sem intercorrências, mas na terceira série da tarde a professora da turma me pediu para ler as questões antes de entregar o questionário porque tinha dois alunos que só conseguiriam responder lendo para eles cada questão e as alternativas de respostas.

Ao mesmo tempo, a maior dificuldade em ter um retorno do questionário foi encontrada junto à coordenação: passei aproximadamente quinze dias me deslocando até a escola para verificar se os mesmos já tinham sido respondidos obtendo sempre uma resposta negativa. Depois de muita insistência e quase vinte dias consegui que a coordenação devolvesse o questionário respondido.

No próximo capítulo conheceremos mais detalhadamente os sujeitos da pesquisa e suas percepções sobre a violência escolar.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE SOBRE A VIOLÊNCIA FÍSICA NA ESCOLA

3.1 – Situações de violência física na escola

Nesta pesquisa, no que tange a agressões físicas na escola destacamos os tipos de agressões envolvendo meninos e meninas, sendo que a maior incidência de conflitos está atribuída aos alunos do sexo masculino, relato analisado por meio de aplicação de questionário.

As brigas entre os alunos acontecem em diferentes espaços, com ou sem a presença de um adulto, mas o mais comum é sem um adulto por perto para não haver intimidação e nem proteção da vítima que será agredida.

Segundo Abramovay (2005, p. 189) “a delimitação dos espaços e dos momentos nos quais as brigas ocorrem contribui para a compreensão de como as relações se desenvolvem nos vários ambientes da escola”.

Em alguns casos, os professores punem os alunos levando-os a coordenação para que sejam tomadas as devidas providências com diálogo ou a representação dos pais para sanarem o problema.

Diversas são as motivações para causar conflitos na hora do recreio: um esbarrão, um grito, comer o lanche do outro ou mesmo não querer brincar. São motivos “simples” que são considerados como um ponto de partida para as agressões.

Apresentaremos a seguir, em linhas gerais, as percepções de alunos, professores, mães e coordenadoras no tocante a violência na escola e elementos para a sua prevenção.

3.2 – O que pensam os alunos investigados sobre a violência na escola

Tal como já assinalamos anteriormente, para compreender melhor o que os alunos da terceira série (quarto ano) e quarta série (quinto ano) pensam sobre a violência na escola foram aplicados noventa e cinco questionários ao total.

A análise produzida em torno do conjunto dos dados obtidos junto aos alunos está apresentada nos parágrafos a seguir para o que nos servimos de alguns Quadros para melhor sistematizar os resultados encontrados. Além disso, os dados nos ajudarão a compreender os motivos dos conflitos na escola e, pelas respostas dos alunos, como agir durante essas dificuldades.

Ao perguntarmos aos alunos se já presenciaram alguma briga na escola, obtivemos o Quadro 2 abaixo:

Quadro 2: O que dizem os alunos pesquisados sobre presenciar brigas na escola.

Se presenciam brigas	3ª Série (Quarto ano)		4ª Série (Quinto ano)	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Sim	17	28,81	16	44,44
Não	42	71,18	20	55,55
Não respondeu	-	-	-	-
Total	59	100	36	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

A violência escolar é um tema que ainda precisa ser discutido e avaliado pelas políticas públicas, a sociedade e, principalmente, a escola. Analisando as respostas das duas turmas sobre presenciarem brigas no âmbito escolar a maior parte dos alunos afirma que nunca presenciou briga na escola e esse dado é fundamental, pois significa que os conflitos entre os alunos na escola não são constantes.

De fato, pelas observações realizadas no horário do recreio e em outros momentos de visitas constatamos que os conflitos mais sérios⁷ que haviam sido observados no primeiro momento da pesquisa, em 2010, não são mais constantes. Mas nas brincadeiras do recreio ainda percebemos pequenos conflitos entre os alunos, principalmente os da Educação Infantil que foram observados mesmo não sendo o foco central desse trabalho.

De acordo com Abramovay, “para compreender a dinâmica das relações sociais na escola, faz-se necessário observar como os alunos constroem seus vínculos, sejam com seus

⁷ Os conflitos mais sérios eram a agressão física que estava ocorrendo com frequência como o aluno que jogou a carteira na cabeça do outro colega que foi levado ao hospital levando três pontos e a briga de duas adolescentes ao ponto de arrancarem uma um pouco do cabelo da outra.

pares ou com aqueles que representam a instituição escolar” (2005, p. 84). A escola é também um local de socialização e desde cedo é importante trabalhar o respeito mútuo, a tolerância, os limites.

Quadro 3: O que dizem os alunos pesquisados sobre a frequência de brigas na escola.

A frequência das brigas	3ª Série (Quarto ano)		4ª Série (Quinto ano)	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Sempre	14	23,72	07	19,44
Raramente	44	74,57	27	75
Não respondeu	01	1,69	02	5,55
Total	59	100	36	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Relacionando os dados do Quadro 2 com os do Quadro 3 verificamos que a frequência de brigas na escola acontece raramente como afirmam a maior parte dos alunos. Os conflitos na escola podem atrapalhar o desenvolvimento na aprendizagem dos alunos e um bom funcionamento no âmbito escolar.

No Quadro seguinte serão analisados os motivos que causam as brigas na escola entre os alunos.

Quadro 4⁸: O que dizem os alunos sobre o porquê das brigas acontecerem na escola.

O porquê das brigas acontecerem	3ª Série (Quarto ano)		4ª Série (Quinto ano)	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Para se defender	39	65	20	54,05
Para ser o líder da turma	15	25	10	27,02
Outros	05	8,33	05	13,51
Não respondeu	01	1,66	02	5,40
Total	60	100	37	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

⁸ Em função da possibilidade dos alunos indicarem mais de uma alternativa para esta questão, o somatório das categorias não totaliza a quantidade de questionário aplicado, noventa e cinco.

É notório perceber que boa parte dos alunos briga para se defender dos conflitos gerados por outros colegas. Essa forma de defesa não é adequada, mas o aluno não se sentirá confortável por não ter revidado a agressão por causa dos que acreditam que a briga é uma maneira de se mostrar mais forte.

Muitos alunos afirmam que agredem para se defenderem, ou seja, que revidam a agressão sofrida. Nesses casos não há propriamente papéis em separado, já que ao se revidar não se assume a postura passiva, ilustra-se que não há apenas casos com um agressor e uma vítima indefesa. Muitos alunos que apanham também batem, revidam, numa combinação de ação e reação (...) (ABRAMOVAY, 2005, p. 176).

Quinze alunos da terceira série e dez alunos da quarta série responderam que as brigas acontecem porque alguns alunos querem ser o líder da turma. Podemos, então, destacar que em certas manifestações públicas de violência os jovens procuram obter respeito, prestígio, autoridade e segurança junto aos demais da comunidade escolar.

Cinco alunos da terceira série como cinco da quarta série destacaram outros motivos para explicar os motivos das brigas. Dentre os cinco alunos da terceira série que indicaram a existência de “outros motivos“ para as brigas apenas 2 indicaram quais seriam eles: um indicou a provocação de colegas como origem das brigas e o outro afirmou que os alunos brigam por besteira. Igualmente, dentre os cinco alunos da quarta série que indicaram a existência de “outros motivos“ para as brigas apenas 2 indicaram quais sejam: um registrou que as brigas acontecem por causa das brincadeiras na hora Educação Física e o outro que essas brigas acontecem para dizerem que podem tudo.

De sorte que fica bem claro que a questão da provocação, do agredir sem um motivo claro, dos momentos na Educação Física e para dizerem que podem tudo são manifestações que precisam ser observadas e trabalhadas de maneira particular para não criar situações de conflitos mais graves e desnecessárias envolvendo os atores da escola.

A questão fundamental é esta: os incidentes violentos se produzem sobre um fundo de tensão social e escolar forte; em tal situação, uma simples faísca que sobrevenha (um conflitos, às vezes menor), provoca a explosão (o ato violento). É preciso, portanto, dedicar-se às fontes dessa tensão (CHARLOT, 2005, p. 130).

Então, diante do exposto, verifica-se que os pequenos conflitos podem ser evitados se os alunos que se desentendem forem observados, acompanhados individualmente e englobados em atividades que estimulem o respeito pelo outro, limites, tolerância. Seria oportuno se a escola pudesse acompanhar os alunos que causam conflitos na escola em suas famílias, assim, muitas manifestações de violência poderiam ser amenizadas.

Perguntados sobre o que pensam sobre os colegas que brigam na escola, obtivemos as informações do Quadro abaixo.

Quadro 5: O que os alunos pesquisados pensam sobre os colegas que brigam na escola.

O que pensam sobre os colegas que brigam	3ª Série (Quarto ano)		4ª Série (Quinto ano)	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Agressivos	15	25,42	-	-
Não pensa nada	04	6,77	02	5,55
Falta de educação	17	28,81	04	11,11
Punição	03	5,08	01	2,77
Mostrar-se	05	8,47	08	22,22
Não deveriam acontecer	-	-	17	47,22
Não respondeu	05	8,47	02	5,55
Letra ilegível	04	6,77	01	2,77
Respostas sem sentido	06	10,16	01	2,77
Total	59	100	36	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

No espaço escolar, ocorrem agressões físicas que, muitas vezes, são consideradas pela coordenação, professores, equipe técnica e alunos como momentos de brincadeiras. Entretanto, poderemos analisar com os dados do Quadro 5 o que os alunos da terceira e quarta série consideram esses conflitos dentro da escola.

Constatamos que dezessete alunos da terceira série nomeiam os alunos que brigam na escola como agressivos, briguentos, violentos e malvados.

Se a agressão é uma relação que envolve agentes em diferentes papéis, como o de agressor e o de agredido, não confere que haja tal disparidade numérica entre um e outro. Era de se esperar que fossem próximas as proporções entre aqueles que se dizem vítimas e os que se identificam como agressores. A maior auto-identificação como agressor se orienta por um princípio de masculinidade e de heroísmo que dignifica o forte, o que bate, o que agride e em contrapartida estigmatiza o fraco, o que apanha, quem é agredido, ou

seja, uma história que há mais “bandidos” do que vítimas (ABRAMOVAY, 2005, p.174).

É importante perceber que a produção da violência faz silenciar muitos e essa disparidade colabora para o aumento de vítimas no âmbito da escola, já que ser vítima é deplorável.

Há também quatro alunos da terceira série e dois da quarta que não pensam nada sobre o assunto por ser normal e os que não sabem o que dizer por não brigarem. Consideremos muito importantes essas respostas por percebermos que é de fundamental importância que as crianças estejam cientes do que é a violência escolar e suas proporções se não forem adequadamente inibidas.

Dezessete são os alunos da terceira série e quatro os da quarta série que consideram como falta de educação as brigas na escola. Eles afirmam que os alunos que causam conflitos são: ousados; teimosos e mal comportados; os que brincam de luta são mal educados e os que brincam de brincadeira são educados; querem se defender; a mãe não dá educação e já é de nascença; acha a briga na escola um absurdo; não pode brigar na escola e nem fora; é muito feio ficar brigando; esse aluno que briga só perturba e bate no colega; falta de responsabilidade e conselho da mãe, além de algumas mães darem ousadia a seus filhos de baterem nos colegas.

É inevitável afirmar que alguns alunos retratam a falta de educação dos alunos que brigam no ambiente escolar como a falta de limite de mães em relação a seus filhos. Interessante perceber que o aluno considera que “os brigões” não recebem limites. Podemos constatar nas respostas que dizem: a mãe não tem responsabilidade, não aconselha, não educa, dá ousadia para o filho bater nos colegas e, principalmente, que a agressividade é de nascença, ou seja, já nasce com a criança. Todas as respostas, além dessas citadas, afirmam a falta de limite da família para com os filhos. A própria criança questionada percebe a importância da família como instrumento para amenizar os casos de agressões na escola e mesmo fora dela. Penso que a questão é a família como matriz educadora e socializadora, a que ensina a viver em grupo, além dos valores éticos e familiares. `

Para três alunos da terceira série e um da quarta série a punição é um dos meios para evitar os conflitos entre os alunos. Ainda afirmam que os que brigam deveriam levar suspensão e saírem da escola, mas sabemos que esse meio não é um dos mais adequados para resolver os problemas de conflitos existentes na escola.

Segundo Monteiro e Melo, (2001, p. 05), o aluno precisa entender que seus atos podem trazer consequências sérias para outras pessoas, por isso, é fundamental fazê-lo refletir sobre suas atitudes e não sermos mais agressivos do que ele. “Quanto mais agressivos formos com as crianças, mais agressividade elas externarão. A escola além de preocupar-se com o cognitivo tem ainda a função de trabalhar as regras e os valores”. Além disso, a sociedade cobra aos meios educacionais e dos professores novas formas de agir, transmitir conhecimento, pensar e valorizar as experiências de cada aluno.

Cinco alunos da terceira série e oito da quarta série consideram que os alunos que brigam na escola querem mostrar-se em evidencia: ser o valentão, é covarde e quer ser líder da turma, é selvagem, ignorante, se acham bons e um bando de otários querendo ser o tal. Podemos perceber nas respostas dos alunos que eles não aprovam as atitudes dos colegas que procuram causar conflitos na escola.

Muitos alunos ficam com medo ao verem situações de conflitos entre os colegas considerando que as brigas não deveriam acontecer. Dezesete alunos da quarta série dizem que as brigas não são corretas, um aluno acredita que se for algo que um fala e o outro não gosta é justo brigar e os demais, dezesseis, acrescentam que é ruim brigar na escola, que os que brigam são doidos, a briga não leva a nada, brigar na escola é muito bater e apanhar, é feio e podem ir parar no hospital, a escola poderia estar sem brigas, os alunos têm que viverem em paz e não brigando na rua, é um absurdo e muito feio brigar e brigar por besteira com os amigos. Essas são as opiniões dos alunos da quarta série que também procuram entender porque brigar.

De acordo com Marra, “a ameaça e o medo são faces de uma mesma moeda, e induzem a vítima a um estado de defesa constante, diante da perspectiva de não se ter conhecimento do que pode acontecer, nem do quando, onde, e às vezes em como” (2005, p. 128). A fala dos alunos é muito importante e a coordenação da escola precisa ficar atenta a essas vozes que indicam onde a agressividade tem que ser confrontada e, se possível, sanada.

Ainda podemos destacar que cinco alunos da terceira série e dois da quarta série não responderam a questão. Quatro questionários da terceira série e um da quarta série tinham letras ilegíveis. Finalizando, seis alunos da terceira série e um aluno da quarta série deram respostas sem sentido, indicando, provavelmente a dificuldade de interpretação da linguagem escrita.

É importante salientar que os questionários com letras ilegíveis foram dos alunos que tinham dificuldade no processo de aprendizagem. Essas informações foram transmitidas pelos professores das turmas que, além disso, informaram que a coordenação pedagógica iria iniciar um trabalho com esses alunos a partir do mês de maio.

As respostas sem sentido foram: sim, escuta, fica quieto, força, de pular corda, bonito e não é com patadas não porque gosta muito. Nessas respostas não dá para afirmar se os alunos não entenderam a questão ou não tinham nada a dizer.

Ao perguntarmos aos alunos se eles brigam ou já brigaram na escola, obtivemos as respostas expostas no Quadro 6.

Quadro 6: Se os alunos pesquisados brigam ou já brigaram na escola.

Brigam ou já brigaram	3ª Série (Quarto ano)		4ª Série (Quinto ano)	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Sim	16	27,11	08	22,22
Não	43	72,88	27	75
Não respondeu	-	-	01	2,77
Total	59	100	36	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Como se pode perceber, a maior parte dos alunos da terceira série e da quarta série não briga ou nunca brigou na escola. Relacionando esses dados com o Quadro 7 constatamos que doze alunos da terceira série e quatorze da quarta sempre brigam com os colegas, sendo que quarenta e sete da terceira série e dezenove da quarta série brigam raramente com os colegas na escola. Três alunos da quarta série não responderam a questão.

Há momentos em que não acreditamos que os conflitos existentes entre os alunos no ambiente escolar serão sanados por causa das notícias frequentes de violência, mas a resposta

dos alunos nos dá certo alívio ao saber da não participação deles em conflitos. É salutar lembrarmos que alguns fatores são apontados para um comportamento agressivo de crianças e jovens na escola como a falta de diálogo com os pais, a falta de limites e falta de atenção. Esses fatores visam proporcionar certa dificuldade no relacionamento com os familiares e com o outro. Muitas vezes, um pequeno empurrão pode se tornar um princípio de briga e a escola precisa estar atenta a todas essas manifestações “Na comunidade escolar existem pontos que contribuem para o surgimento dos conflitos e que, no mais das vezes, não são explícitos ou mesmo percebidos” (CHRISPINO, 2007, p. 20).

Em depoimento verbal, a Coordenadora Pedagógica afirma que a escola proporciona a seus alunos várias atividades, principalmente na hora do recreio por ser um espaço descontraído e onde tudo parece se tornar “brincadeirinha”. Ela ainda ressalta a importância de observá-los nesses momentos de descontração para não ocorrer conflitos graves.

De acordo com Njaine e Minayo, (2003, p.126), alguns alunos sugerem que a escola contribua para a diminuição da violência com atividades extracurriculares em que possam atrair o interesse de todos, pois uma escola monótona não consegue estabelecer uma comunhão com os alunos diante das dificuldades.

Quadro 7: O que dizem os alunos pesquisados sobre a frequência com que brigam com os colegas na escola

Frequência	3ª Série (Quarto ano)		4ª Série (Quinto ano)	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Sempre	12	20,33	14	38,88
Raramente	47	79,66	19	52,77
Não respondeu	-	-	03	8,33
Total	59	100	36	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

No Quadro 8 iremos destacar as atitudes dos alunos pesquisados quando brigam na escola.

Quadro 8⁹: O que os alunos pesquisados costumam fazer quando brigam na escola.

O que costumam fazer	3ª Série (Quarto ano)		4ª Série (Quinto ano)	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Bate na outra pessoa	15	22,72	06	16,66
Inventa apelidos que o colega não gosta	18	27,27	11	30,55
Xinga o colega e sua família	08	12,12	03	8,33
Outros	21	31,81	10	27,77
Não respondeu	04	6,06	06	16,66
Total	66	100	36	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Constatamos no Quadro 8 que quinze alunos da terceira série e seis da quarta série quando entram em conflito costumam bater na outra pessoa. Dezoito alunos da terceira série e onze da quarta inventam apelidos que o colega não gosta. Oito alunos da terceira série e três da quarta série afirmam que xingam o colega e sua família. Quatro alunos da terceira série e seis da quarta série não responderam a questão e vinte e um alunos da terceira série e dez da quarta série colocaram outras opções as quais veremos detalhadas nos comentários a seguir.

Várias foram as respostas dos alunos da terceira série referentes a “outros” como: um só briga quando o outro xinga, outro não encontra motivos porque não briga, outro colocou que gosta de muitas coisas e que não xinga a família e nem os colegas, outro procura resolver os conflitos conversando, outro colocou que não briga, outro só briga de vez em quando, outro colocou que se o colega bate ele bate no colega também, outro não brigava, outro briga para se defender e outro briga para obter respeito dos demais colegas.

⁹ Em função da possibilidade dos alunos indicarem mais de uma alternativa para esta questão, o somatório das categorias não totaliza a quantidade de questionário aplicado, noventa e cinco, sendo que 2 alunos marcaram as opções a e b; 2 alunos marcaram as opções a, b e c

Já os alunos da quarta série, para justificar a opção escolhida “outros” declaram que: quando briga na escola fala com a diretora, só briga se partirem para cima dele, um outro não respondeu o que costuma fazer; outro nunca brigou na escola; outro procura separar os alunos que estão brigando; outro não briga, mas se o provocarem ele conversa com a diretora; outro procura fazer amizade com o colega que está procurando briga; outro não faz nada. A finalidade dessa questão era a de identificar mais detalhadamente o que os alunos costumam fazer quando entram em atrito com outros colegas.

Podemos verificar que muitos alunos batem no colega, a agressão física, ou os agride verbalmente quando inventam apelidos que o colega não gosta e, além disso, ofendem a família.

Dentro de uma concepção ampla do fenômeno da violência escolar, as agressões verbais se destacam pelas ofensas que não se vê e, por isso, se torna uma violência escolar disfarçada.

Embora, muitas vezes, as agressões verbais sejam compreendidas como fatos menores, “comportamentos típicos de adolescentes e jovens”, arroubos ou explosões momentâneas, elas têm um impacto sobre o sentimento de violência experimentado por alunos (...) (ABRAMOVAY, 2005, p. 121)

As agressões físicas ou verbais no âmbito escolar precisam ser bem trabalhadas com os atores da escola e, principalmente, com os que causam mais conflitos. É necessário cobrar aos gestores públicos sua participação efetiva e colaboração para a redução da violência entre os alunos que ainda estão iniciando sua formação psíquica.

Ao perguntarmos aos alunos se alguém já brigou com eles na escola, obtivemos as respostas do próximo Quadro.

Quadro 9: O que dizem os alunos pesquisados sobre sofrer algum tipo de agressão na escola.

Se já sofreu agressão	3ª Série (Quarto ano)		4ª Série (Quinto ano)	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Sim	25	42,37	17	47,22
Não	34	57,62	18	50
Não respondeu	-	-	01	2,77
Total	59	100	36	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Considerando a pergunta feita aos alunos, se alguém já brigou com eles na escola, verificamos que vinte e cinco alunos da terceira série e dezessete da quarta série afirmaram que alguém já brigou com eles na escola.

Geralmente, os conflitos tendem a ocorrer entre os alunos, mas não se pode desconsiderar que ocorrem agressões verbais e físicas entre alunos e adultos da escola, particularmente no que se refere aos professores.

Diante do que se passa, a escola compromete sua identidade de local de sociabilidade, aprendizagem de valores éticos e de formadora de indivíduos críticos, pois os alunos ou outros atores quando sofrem agressão não se sentem motivados para continuar no mesmo espaço que seu agressor.

Segundo Abramovay, “vale destacar que, em boa parte das vezes, as motivações declaradas para ameaças banais, ou como já assinalado, não são explícitas, o que reforça a idéia de uma certa violência gratuita, naturalizada, nas relações entre os alunos” (2005, p. 152).

Podemos perceber que trinta e quatro alunos da terceira série e dezoito da quarta série declararam que não houve desentendimentos de outras pessoas com eles na escola e um aluno da quarta série não respondeu a questão.

Nessa análise, é imprescindível notar que a diferença entre os alunos que já sofreram algum tipo de agressão e os que não sofreram é significativa. É de suma importância a escola detectar esses conflitos e criar estratégias para reduzir os desentendimentos entre todos os atores da escola.

Durante as minhas observações para a pesquisa, presenciei, no turno vespertino, um momento de descontração com todos os alunos. Havia um grupo de teatro que estava apresentando uma encenação sobre o mosquito da dengue e de como se prevenir. Mas se a escola realizasse também um debate sobre a violência escolar com um grupo teatral os alunos poderiam compreender melhor a gravidade de atos agressivos em um ambiente escolar.

Um professor em depoimento declarou que debatem o assunto da violência na escola com os alunos em sala, mas afirmo que se reunissem os alunos e fizessem o debate de maneira descontraída poderia ser bem mais interessante e eficaz. A sala de aula é um espaço

restrito que, às vezes, delimita a aprendizagem pelo comando do professor. A escola precisa proporcionar ao aluno o discernimento necessário para lidar com as informações que recebe diariamente pela mídia, assim, o aluno poderia se conscientizar de que todos são sujeitos que buscam construir o conhecimento e aperfeiçoar suas habilidades.

As brigas nas escolas só atrasam o percurso da aprendizagem e do conhecimento desestimulando quem vai à escola para aprender e apreender o que é transmitido e vivenciado.

Indagados sobre se quando há brigas vão sozinhos ou levam um amigo, obtivemos o Quadro 10 abaixo:

Quadro 10: O que os alunos pesquisados dizem sobre as situações em que estão envolvidos em brigas

O que faz quando vai brigar	3ª Série (Quarto ano)		4ª Série (Quinto ano)	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Leva um amigo	20	33,89	07	19,44
Vai sozinho	39	66,10	26	72,22
Não respondeu	-	-	03	8,33
Total	59	100	36	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

No que tange à questão de conflitos, os dados acima são bem expressivos e merecem toda a atenção da escola. Seria interessante um trabalho da coordenação com os professores para juntos buscarem meios de amenizar a situação de conflito entre os alunos. Sabemos que pode ocorrer a sensação de angústia, impotência, medo na coordenação e professores, mas é de fundamental importância criar mecanismos que possam ajudar os alunos a entenderem que a violência na escola pode torná-la um espaço de pavor e medo.

Compreende-se, portanto, que a maior parte dos alunos diz que quando brigam na escola enfrenta a situação de conflito sozinho. É nesse contexto que a escola tem que realizar um trabalho com pais e alunos para que compreendam que a violência só trará mais violência e problemas para ambas as partes.

No Quadro 11, observamos as respostas dos alunos quanto a receber alguma punição por conta das brigas na escola.

Quadro 11: O que dizem os alunos pesquisados sobre punição por brigarem na escola.

Se recebeu punição	3ª Série (Quarto ano)		4ª Série (Quinto ano)	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Sim	09	15,25	05	13,88
Não	50	84,74	29	80,55
Não respondeu	-		02	5,55
Total	59	100	36	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

As punições estão relacionadas a um sistema de regras existentes na escola que são aplicadas quando o aluno inflige essas regras.

No que se refere aos alunos que já foram punidos, percebe-se que nove alunos da terceira série e cinco da quarta série já receberam punição por brigarem na escola. Na resposta ‘sim’ os alunos teriam que dizer quem os puniu e essa resposta será analisada mais abaixo.

Quanto à resposta ‘não’, cinquenta alunos da terceira série e vinte e nove da quarta série nunca receberam punição por terem entrado em atrito com outro colega na escola e dois alunos da quarta série não responderam a questão.

A nossa intenção em saber por quem o colega foi punido é propícia para identificarmos quem mais puni os alunos na escola e pelas respostas apresentadas fica difícil obter esse dado.

A punição é um dos meios que a escola usa para “enquadrar” o aluno indisciplinado e mostrar aos outros alunos o que pode acontecer com eles se também não se adequarem as normas.

As alternativas de punições acionadas pelas escolas são as mais variadas e não têm, necessariamente, uma equivalência direta com o tipo de atos realizados pelos alunos, sendo em que muitos casos uma punição mais severa é aplicada em casos de indisciplina que pode banalizar, confundir os alunos, enfraquecer a legitimidade da ação da escola e até mesmo incentivar certo autoritarismo. (ABRAMOVAY, 2005, p. 341)

De acordo com a pergunta “sim”, foi também questionado por quem esses alunos foram punidos e obtivemos os seguintes dados: umas respostas estavam ilegíveis e sem sentido – alunos que não sabiam ler e escrever, mas que foram orientados por mim e pelos professores para responderem o questionário, assim não se sentiriam excluídos, ou mesmo, punidos. Outros deixaram a pergunta em branco. Outro respondeu que foi Carlos Eduardo, não sabemos se foi um professor, coordenador ou mesmo a pessoa com quem ele brigou.

A maior parte dos alunos quando respondeu “sim” não escreveu “por quem?” e sim “por quê?”. Porque brigou e foi punido, porque não briga quando vai à escola, porque deixou o colega de olho roxo e, por isso, levou suspensão, porque o colega provoca e só sobra para quem não provoca.

É possível notar que alguns alunos tiveram dificuldades de interpretar a pergunta e responder de maneira condizente, situação que dificultou identificar a origem das punições que indicaram ter sofrido.

No Quadro anterior perguntamos aos alunos se eles já foram punidos por brigarem na escola, no Quadro 12 procuramos saber se eles já viram algum colega ser punido.

Quadro 12: O que dizem os alunos pesquisados sobre terem visto algum colega ser punido porque brigou na escola.

Se algum colega já foi punido	3ª Série (Quarto ano)		4ª Série (Quinto ano)	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Sim	33	55,93	13	36,11
Não	25	42,37	22	61,11
Não respondeu	01	1,69	01	2,77
Total	59	100	36	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Observando o Quadro acima, constatamos que trinta e três alunos da terceira série e treze da quarta série já viram algum colega ser punido. Vinte e cinco da terceira série e vinte e dois da quarta série nunca viram esse tipo de situação e um aluno da terceira série e um da quarta série não respondeu a questão.

As respostas dos alunos da terceira e quarta série referente à pergunta “sim” foram as seguintes: alguns alunos responderam que viram os colegas sendo punidos pela diretora,

coordenadora, professora e por quem brigou. Foi difícil entender a resposta de outros alunos porque a letra estava ilegível, alguns deixaram o espaço em branco e outros deram como resposta o “por quê?” e não “por quem”. Eis as respostas: porque é errado, porque estava brincando de luta, porque xinga, porque brigam no recreio, porque o colega estava batendo no menino, porque ele brigou, porque jogou papel na outra sala – dá a entender que foi pela professora a punição, porque o colega é muito ousado, porque bateu em outros colegas, porque machucou o braço quebrado da menina, porque o colega o provocou, porque ficou perturbando e porque xinga e bate nas outras pessoas.

Como já vimos à punição não é um dos meios adequados para disciplinar e amenizar conflitos na escola. O aluno, quando punido, se sente constrangido diante de outros colegas que o está observando e, muitas vezes, essa punição pode ser um fator para o aluno se tornar mais agressivo. Alguns alunos são punidos na escola e pela família que o julga como incontrolável sendo, algumas vezes, agredido fisicamente. A punição não é boa para quem recebe e nem para quem fica observando.

As punições sempre são reconhecidas como instrumentos efetivos de ordenamento do espaço escolar, sobretudo porque o seu caráter de justiça varia muito de acordo com a circunstância. Além disso, a flexibilidade na aplicação das punições incita nos alunos um sentimento de impunidade, sendo determinantes para o não cumprimento das mesmas (ABRAMOVAY, 2005, p. 360).

De fato, algumas escolas veem se preocupando com o aumento da violência e buscam alternativas para conseguir superar esses conflitos. Discute-se a integração pelo diálogo, a participação dos pais, da comunidade e de outros atores envolvidos com a escola, sendo esses meios um dos mais participativos. É imprescindível que os alunos, os professores, coordenadores e pais apresentem sugestões que possam lidar com a violência na escola.

De acordo com Charlot, “(...) é bem raro encontrar alunos violentos entre os que acham sentido na escola...” (2005, p. 132). Essa citação tem uma profundidade muito grande quando se trata da questão de alunos que vivenciam a escola e de escolas que procuram respeitar seus alunos em suas individualidades.

3.3 – Quem são os professores investigados e o que pensam sobre a violência na escola

Participaram da pesquisa 4 professores. O Quadro 13 e o Quadro 14 indicam ,de modo geral, o perfil desses professores. Quanto ao sexo temos um equilíbrio nessa amostra sendo 2 professores (50%) do sexo masculino e 2 professoras (50%) sexo feminino.

Quadro13: Perfil dos professores investigados quanto ao sexo

Sexo	Quantidade	%
Masculino	02	50
Feminino	02	50
Total	04	100

Fonte: PAIXÃO, 2012.

Quadro 14: Perfil dos professores investigados quanto a escolaridade

Escolaridade	Quantidade	%
Graduação concluída	03	75
Graduação em curso	01	25
Total	04	100

Fonte: PAIXÃO, 2012.

No Quadro 14 há três professores com formação concluída e um, no caso uma professora, está concluindo a graduação em Pedagogia e paralelamente a graduação em Licenciatura em História, pois a professora correspondente é concursada há muito tempo e só tinha o Pedagógico Normal.

Quadro 15: Como os professores investigados descrevem o ambiente escolar

Descrição do ambiente	Quantidade	%
É agradável, porém os alunos ficam muito afoitos na hora do recreio e na aula de Educação Física; Na maior parte do tempo harmonioso com pequenos incidentes entre as crianças, mas sem gravidade;	02	50
Os problemas sociais interferem diretamente no ambiente da escola. Nesse sentido, muitos alunos são agressivos, e muito indisciplinado. Isso favorece ao clima violento da escola	01	25
É um ambiente de conhecimento, interação, divergências de ideias e formação.	01	25
Total	04	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Observamos no Quadro 15 a descrição do ambiente escolar pelos professores constatando que o ambiente é agradável, propício para o aprendizado, mas que há também momentos em que ocorrem incidentes entre as crianças. É destacado que os problemas sociais interferem no ambiente da escola podendo favorecer nos comportamentos agressivos dos alunos.

Nota-se uma discrepância entre essas respostas em que a maioria dos professores percebe, na realidade concreta da escola, que há problemas no ambiente escolar e somente um professor enxerga uma realidade “ilusória” em que o ambiente se torna um espaço de completa harmonia buscando conhecimentos, interação, formação e onde as ideias se divergem.

Um fator importante citado por um dos professores é a agitação dos alunos na hora do recreio.

No espaço escolar, ocorrem agressões físicas que são consideradas *brincadeiras*. Estas se constituem em golpes que são deferidos contra os colegas com a intenção de simular situações de *guerrinhas*, de lutas. Entretanto, esses entraves muitas vezes ocasionam desentendimentos e o que parecia ser uma *brincadeira* entre os alunos evolui para uma briga com agressão física (ABRAMOVAY, 2005, p.193).

A afirmação dos professores sobre a agitação dos alunos na hora do recreio é de fundamental importância para salientar as observações feitas durante a pesquisa de campo que realizei durante as visitas a escola.

Quadro 16: Percepção dos professores investigados quanto à ocorrência de brigas entre os alunos no ambiente da escolar

Percepção dos professores	Quantidade	%
Sim, ocorrem brigas	03	75
Não, não ocorrem brigas	01	25
Total	04	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Segundo a percepção dos professores, quanto à ocorrência de brigas entre os alunos, três afirmam que há e um professor afirma que não há ocorrência de brigas. Fazendo um paralelo entre os dados apresentados nos Quadros 16 e 17, mais abaixo, percebemos que há

uma continuidade nas respostas em que os professores afirmam que há problemas de brigas na escola, mesmo que ocorram raramente.

Charlot chama a atenção de que a questão da violência na escola não está relacionada somente ao aluno, mas também a agressão da instituição contra esse aluno.

De sorte que fica logo bem claro que a questão da violência na escola não deve ser enunciada somente em relação aos alunos: o que está em jogo é também a capacidade de a escola e seus agentes suportarem e gerarem situações conflituosas, sem esmagar os alunos sob o peso da violência institucional e simbólica (CHARLOT, 2005, p. 128).

Então, constatamos que a escola precisa investigar a causa dos conflitos para não rotular seus atores como desequilibrados, problemáticos e violentos detectando as causas e buscando meios para amenizar as situações de brigas entre esses atores. É de fundamental importância a adoção de políticas públicas que fortaleçam e desenvolvam ações voltadas para a melhoria do ensino e ofereça condições adequadas aos profissionais que estão ligados diretamente aos alunos “problemáticos”, prevenindo, mediando e resolvendo o que resulta das manifestações conflituosas no ambiente escolar.

Quadro 17: O que dizem os professores investigados sobre a frequência das brigas na escola

Frequência das brigas	Quantidade	%
Sempre	01	25
Raramente	03	75
Total	04	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Quadro 18: Percepção dos professores investigados sobre a frequência das brigas na escola quanto ao sexo dos alunos envolvidos

Quanto ao sexo dos alunos envolvidos	Quantidade	%
Os meninos	03	75
As meninas	-	-
Os dois	01	25
Total	04	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

No Quadro 18 verificamos que os professores apontam que os meninos se envolvem mais em situações de brigas do que as meninas, somente um professor afirma que não há diferença entre os meninos e as meninas, ou seja, os dois frequentemente brigam na escola.

É de suma importância entender que os meninos veem em seus pais (o homem), um modelo a serem observados e copiados, outros se espelham em modelos da sociedade atual por meio da internet, filmes e jogos que descaracterizam os valores humanos. Já outros são vítimas da violência doméstica levando para a escola a agressão que sofrem em casa. Faltam modelos humanamente adequados para as crianças e os jovens se espelharem, pois a falta de afeto e carinho é um meio para transformá-los em agressivos como forma de chamar atenção dos que os rodeiam.

Quadro 19¹⁰: Como os professores investigados ficam sabendo das brigas

Meio em que os professores ficam cientes das brigas	Quantidade	%
Por meio dos alunos que brigam	01	20
Por meio dos alunos que presenciaram a briga	04	80
Por meio da direção e outros professores	-	-
Outros	-	-
Total	05	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Observamos que os alunos que presenciam as brigas procuram informar os professores dos acontecimentos e alertá-los. Gostaria muito de entrevistar os professores sobre a relação deles com os alunos que são “problemáticos” em sala, mas eles não tinham tempo para conversar.

¹⁰ Em função da possibilidade dos professores indicarem mais de uma alternativa para esta questão, o somatório das categorias não totaliza a quantidade de questionário aplicado, quatro, sendo a porcentagem calculada em cima da quantidade de respostas, cinco.

Quadro 20: Como os casos de desentendimentos são tratados pela escola na perspectiva dos professores investigados

Maneira de tratar os desentendimentos	Quantidade	%
Diálogo	04	100
Suspensão	-	-
Outros	-	-
Total	04	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Analisando o Quadro 20 podemos constatar que todos os quatro professores afirmam que os casos de desentendimentos na escola são tratados com diálogo, mas no Quadro 25, mais abaixo, veremos que alguns professores, algumas vezes, deixam seus alunos sem o recreio.

É de difícil entendimento a posição de todos os professores porque eles também fazem parte da escola e são também os atores principais da escola por estarem a maior parte do tempo convivendo com os alunos, principalmente com os “alunos problemas”.

Em minha observação, no dia da aplicação do questionário, um professor informou a alguns alunos que se continuassem a tumultuar a aula toda a turma ficaria sem o recreio. Não houve diálogo entre o professor e os alunos, e sim, uma imposição para obter um comportamento adequado.

Ressalta-se que, por serem elementos constituintes das relações sociais na escola, as agressões físicas acabam por prevalecer sobre o diálogo e outras formas não-violentas de resolução de conflitos. Assim, elas se tornam instrumento utilizado para expressar visões e percepções sobre a escola e seu funcionamento, bem como sobre os papéis a serem desempenhados dentro dela e ao mesmo tempo negar a idéia da escola, da educação como impulso à comunicação, ao diálogo para um avanço civilizatório (ABRAMOVAY, 2005, p. 203).

É de grande valia o diálogo entre o professor e o aluno para que haja a escuta e o respeito entre ambos dentro e fora da sala de aula. O diálogo não pode ser uma mera palavra bonita que muitos afirmam que existe na escola, mas uma certeza de que seja um instrumento para apaziguar os conflitos e as indiferenças no ambiente escolar.

Quadro 21¹¹: Principais causas da violência escolar segundo a percepção dos professores investigados

Causas da violência escolar	Quantidade	%
Ambiente familiar	02	40
Ambiente social	02	40
Outros	01	20
Total	05	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Referente as respostas registradas no Quadro 21 verificamos que o ambiente familiar e social são considerados como os principais fatores causadores da violência. Quando falamos do ambiente social incluímos também a família enquanto instituição social, mas não significa que a responsabilidade pela violência na escola seja exclusivamente ou principalmente da família. “A violência abarca e é abarcada por diversas esferas: social, econômica, cultural, política etc..., daí não ser possível indicar uma única esfera como causadora da mesma” (MONTEIRO, MELO, 2011, p. 04)

Conversando informalmente com um professor da terceira série (ao longo do trabalho de campo realizado em 2012), sobre as causas da violência na escola e o porquê de alunos muito agressivos durante o recreio, recebi como resposta do professor que a falta de limite se constitui como um dos maiores fatores para esse quadro. As famílias não conseguem mais educar seus filhos repassando essa responsabilidade para a escola, que, por sua vez, não pode se responsabilizar pela educação inicial das crianças. Quando os alunos chegam à escola já trazem uma bagagem de indisciplina, falta de respeito e agressividade.

A escola sempre pontua o tratamento que os alunos recebem em casa e, muitas vezes, na rua onde eles passam a maior parte do tempo, como fontes de comportamentos violentos. Insistimos na importância da atuação das políticas públicas em favorecer uma estrutura adequada de ensino e de todos os atores da escola para uma melhor convivência entre todos.

¹¹ Em função da possibilidade dos professores indicarem mais de uma alternativa para esta questão, o somatório das categorias não totaliza a quantidade de questionário aplicado, quatro, sendo a porcentagem calculada em cima da quantidade de respostas, cinco.

Quadro 22: O que dizem os professores investigados sobre o papel da escola no combate (ou prevenção) a violência escolar

Papel da escola no combate (ou prevenção) a violência	Quantidade	%
Trazendo a consciência de que a escola é um ambiente de estudo;	01	25
Trabalhar com o respeito mútuo e valorizar as relações interpessoais; Muito importante, pois a escola é um ambiente que deve favorecer o desenvolvimento social da criança. Então, a escola precisa criar meios para amenizar esses problemas; É o papel importante dando uma educação cidadã para os alunos resolverem as divergências.	03	75
Total	04	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Sobre o papel da escola no combate (ou prevenção) a violência escolar, percebemos que três professores afirmam que a escola é um ambiente favorável ao desenvolvimento social da criança onde deve haver o respeito mútuo, a valorização das relações interpessoais e um local propício para ser trabalhada uma educação que ajude aos alunos a resolverem as divergências dentro e fora da escola. Somente um professor define o papel da escola como um local que leve a consciência aos alunos que o ambiente é de estudo.

Mas qual é realmente o papel da escola quando se trata de combate ou prevenção da violência escolar? É o de resolverem às divergências, as relações interpessoais, a de levar a consciência de que a escola é um ambiente de estudo? Muitas são as perguntas e muitas as respostas.

Consideramos que:

[...] a escola é, além de um cenário de instrução, um âmbito de convivência, cada vez mais é preciso entender que seus efeitos não devem limitar-se a saberes concretos, mas que necessita também estar atento para seus efeitos na formação geral da personalidade individual e social de seus protagonistas e agentes (ORTEGA-RUIZ, DEL REY, 2002, p. 20).

Para alguns autores, a escola por meio da construção de um projeto coletivo pode fazer parcerias com associações de pais, a comunidade, grupo de jovens, cultivando, assim, um espaço de cultura e de valores sociais. “Enfim, o poder público precisa sair do discurso e se

voltar para a prática de respeitar a autonomia da escola, conclamando a que a comunidade escolar opine e participe das decisões que lhes dizem respeito” (MARRA, 2007, p. 194).

A escola não pode ser repressora e autoritária, ela precisa aprender a resolver as questões de conflitos de forma dialogada, pois o seu objetivo principal não deve ser somente a de transmissão de conhecimentos, deve ser também a de formação de sujeitos capazes de perceber e resolver as situações que os envolvem. O aluno não pode ser considerado um adversário da escola, ele deve ser parceiro.

Quadro 23: O que dizem os professores investigados sobre já terem sofrido algum tipo de agressão no ambiente escolar

Se o professor já sofreu agressão	Quantidade	%
Sim	01	25
Não	03	75
Total	04	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Constatamos no Quadro 23 que somente um professor sofreu agressão verbal resolvendo o problema mediante conversa com a criança. Em uma entrevista realizada com uma professora da quarta série em 2010, ela afirmou que os professores não estão preparados para lidar com a violência na escola, pois não tiveram preparação na universidade e nem pela Secretaria Municipal de Educação. Segundo ela, os professores contam apenas com as próprias experiências diárias e pesquisas por meio de livros, revistas e internet como ferramentas para encarar a violência escolar.

Em sua fala pude perceber que as agressões verbais são constantes, mas que procura controlar a situação para evitar o agravamento desse contexto em sala de aula, conduzindo o aluno a coordenação. Admitamos que revidar as agressões dos alunos nos mesmos termos só alimentará, mais ainda, a agressividade e a violência na escola. É importante que o professor demonstre prudência, cautela e tranquilidade evitando conflitos diretos com os alunos.

Também é necessário compreender as agressões de alunos contra professores dentro de um contexto mais amplo do questionamento da autoridade do professor e de crise de um determinado modelo de educação e de escola que permanece arraigado a padrões tradicionais de relacionamento, ignorando a cultura juvenil. [...] Uma escola em que o diálogo e a solidariedade não estão

incorporados à prática cotidiana, acaba se transformando em um campo propício para a proliferação de agressões e de violência (ABRAMOVAY, 2005, p. 138).

Constatamos que é imprescindível uma atuação da Secretaria Municipal da Educação juntamente com os atores da escola para encontrarem meios de amenizar a situação de violência escolar e ofereçam melhores condições de ensino. Não significa dizer que a violência desaparecerá, mas haverá professores, coordenadores, porteiros e auxiliares de limpeza bem mais informados e preparados para lidar com a agressividade de alguns alunos.

Quadro 24: Se em sala há alunos que provocam aos demais colegas ao ponto de iniciar uma briga segundo a percepção dos professores investigados

Se há alunos que provocam brigas em sala	Quantidade	%
Sim	03	75
Não	01	25
Total	04	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Sobre a existência de alunos que provocam aos demais colegas, três professores afirmam que eles existem e somente um afirma que não. Relacionando o Quadro 24 com o Quadro 25, mais abaixo, constatamos que os professores procuram trabalhar com os alunos que causam problemas em sala¹², por meio de conversas, repreensão, retiram dos alunos o recreio e elaboram atividades que os façam refletir sobre como gostariam de ser tratados e de como tratar o outro, além de separá-los nas brigas e conversar com cada um deles. Seriam essas, realmente, as maneiras mais adequadas de trabalhar com os alunos que provocam aos demais colegas em sala?

A escola precisa ser atrativa para todos os alunos, principalmente para os que se sentem excluídos e os que são considerados “problemáticos”.

¹² Segundo alguns professores, os alunos que causam problemas em sala são os que jogam bolinhas de papel no colega para provocá-lo, levantam a toda instante da carteira desconcentrado os demais colegas, respondem a professora.

Quadro 25: O que o professor investigado diz sobre o trabalho que faz com os alunos que causam problemas em sala

Como os professores trabalham com os alunos que causam problemas em sala	Quantidade	%
As vezes conversa, as vezes repreende...; Com conversas e as vezes com a falta de recreio para elaborar atividades como quero ser tratado e tratar o outro	02	50
Separando e conversando com cada um	01	25
Um(a) professor(a) não respondeu	01	25
Total	04	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

No Quadro 26 indicamos o que os professores dizem sobre a atuação das famílias na formação de seus filhos.

Quadro 26: O que o professor investigado diz sobre a atuação das famílias na formação dos filhos quando observa a realidade da escola

Atuação das famílias	Quantidade	%
As famílias são diferentes umas das outras gerando muitos conflitos de comportamento	01	25
Muitos pais não aparecem na escola, na verdade eles dificilmente aparecem	01	25
Na maioria eles compreendem e tentam ajudar a melhorar o comportamento e fazer com que seus filhos mudem de atitude	01	25
A família deve ser parceira e importante no processo escolar, pois a escola não tem estrutura para substituir a família e não deve, mas uma depende da outra para formar o cidadão	01	25
Total	04	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Em uma visão geral, os professores são contundentes em admitir que a participação dos pais na formação dos filhos é de extrema importância e a parceria com a escola ajuda no processo de formação dos alunos. A escola jamais pode substituir a família e a presença dos pais ajuda na mudança de comportamento dos alunos.

Um professor pontua que as famílias são diferentes o que gera muito conflito de comportamento, porém, somos todos diferentes, não há como padronizar as famílias e seus comportamentos. Por isso a importância da escola desenvolver projetos que levem os pais a escola para que todos possam ter conhecimento das dificuldades e das tentativas de torná-la um local propício a construção do conhecimento e desenvolvimento da aprendizagem.

Muitos alunos, realmente, reproduzem na escola as agressões vividas em casa e são punidos por essas atitudes sendo afastados do convívio escolar, se tornando, às vezes, mais agressivos. Muitas famílias procuram ser atuantes na vida dos filhos colaborando com a escola sendo grandes parceiras e outras dão total liberdade ao ponto de enfrentarem uma crise de autoridade na relação familiar.

Esta crise de autoridade, cujas bases está na relação familiar, vem perpassando o conjunto das relações nas diferentes instituições da sociedade, repercutindo de forma direta na escola, a ponto de alguns professores, por não saberem enfrentar este desafio, decidirem abandonar a profissão. Muitas vezes, ao tentar fugir dos padrões autoritários, a família não consegue estabelecer novos padrões e limites na educação dos filhos. Na fase da adolescência, a ausência de clareza, a desorientação, enfim, torna-se um complicador para os jovens. A total liberdade, que a família assegura aos seus filhos, acaba levando-os à perda de referências significativas, complicando seu desenvolvimento e amadurecimento psicológicos (SILVIA, s/d, p.263)

Corroborando com Silvia, podemos perceber que algumas famílias estão perdendo a autoridade em relação aos filhos e não conseguem estipular limites que contribuam para formação cidadã desses futuros adultos. A família é a primeira instituição em que se inicia a formação das crianças e a escola dá continuidade a essa formação com os saberes científicos.

Em suma, consideramos que o ambiente escolar é um espaço favorável para a aprendizagem, mas também se torna um espaço de conflitos e desentendimentos entre seus atores quando não há parceria entre eles.

No que concerne à representação sobre o papel da família ficou evidente a importância que ela tem na educação e socialização das crianças e dos jovens quando se trata de enfrentar os conflitos na escola. São necessárias estratégias eficazes de coordenadores, professores e

demais componentes da escola para lidar com os alunos que são vítimas da violência doméstica e reproduz no ambiente escolar os atos sofridos em casa.

Trabalhar os alunos na escola em sua individualidade pode construir sujeitos críticos e sabedores de seus direitos e deveres. O diálogo, o respeito, o ouvir, são ações que ajudam a prevenir os desentendimentos entre os atores da escola.

No geral, na visão dos professores, todos os atores da escola e aqueles que estão fora dela precisam fazer a sua parte para prevenir a violência escolar, nessas circunstâncias, poderá existir um local que proporcione a comunicação, o diálogo e uma aprendizagem que ajude a construir um sujeito crítico e ciente de seus direitos e deveres.

3.4 – O Que diz a Coordenação sobre a violência na escola, a atuação da família e a violência no ambiente escolar

A Coordenadora Geral e Coordenadora Pedagógica da escola participaram da investigação e procuramos junto a esses membros da equipe gestora da escola, obter um conjunto de dados que nos permitisse compreender a percepção e atuação da equipe diretiva face às questões relativas à violência na escola.

Apresentamos, nos Quadros que se seguem, a sistematização dos dados obtidos e uma análise sobre os aspectos que foram abordados no contato com a Coordenação da escola.

Quadro 27: O que diz a Coordenação quanto ao ambiente escolar

Membro da direção	Natureza do ambiente escolar
Coordenadora Geral	Um ambiente de educação, apesar das distorções comportamentais dos alunos sob reflexão das famílias;
Coordenadora Pedagógica	Ambiente agradável onde lidamos com crianças e alguns adolescentes.

Fonte: PAIXÃO, 2012.

O ambiente, segundo as Coordenadoras, é de um local de aprendizado onde lidam com crianças e adolescentes, apesar dos conflitos existentes entre os alunos.

O ambiente escolar precisa ser, além de agradável, um ambiente de aprendizado e troca de conhecimento, pois,

a expectativa de muitos pais e alunos continua sendo a que a escola proporcione às crianças e aos jovens o acesso a uma ‘vida melhor’, através de suas funções clássicas: a transmissão dos saberes historicamente construídos e de uma disciplina que lhes seja útil para o desempenho de uma profissão no futuro (CANDAU, NASCIMENTO, LUCINDA, 2001, p. 40-41).

É importante que todos os atores estejam envolvidos na construção de um ambiente propício para o combate ou prevenção da violência escolar. É imprescindível compartilhar o espaço físico com a comunidade, como também, ultrapassar os limites dos muros escolares.

De acordo com minhas observações ao longo do trabalho de campo, percebi que, de modo geral, o ambiente não traduz um lugar de violência e nem de agressões físicas que possam levar a lesão corporal ou mortes.

Segundo Abramovay, Avancini, Oliveira (s/d, p. 37), “com a finalidade de contribuir para a construção de uma cultura contra violências, faz sentido lidar com discriminações, intolerâncias e exclusões no espaço escolar, ainda que essas não deságüem em ameaças, brigas e mortes, ou seja, não configurem violência física propriamente”.

Entretanto, na hora do intervalo entre as aulas, quando os alunos estão no pátio da escola, observamos entre eles manifestações de agressão física como alguns empurrões, chutes nas costas, pescoços apertados.

Quadro 28: O que diz a Coordenação sobre a ocorrência de desentendimentos entre os alunos

Membro da direção	Ocorrência de desentendimentos
Coordenadora Geral	Sim, ocorre
Coordenadora Pedagógica	Sim, ocorre

Fonte: PAIXÃO, 2012

Apesar de o ambiente escolar ser considerado agradável pela Coordenação observamos nos Quadros 28 e 29 que as duas Coordenadoras concordam que há ocorrência de desentendimentos entre os alunos e esses desentendimentos ocorrem raramente.

Neste sentido, segundo a Coordenadora Pedagógica, a escola procura conscientizar os alunos a respeitar o outro em sua individualidade por meio de palestras. Ainda afirma que eles precisam reconhecer que o diálogo faz mais efeito do que a força bruta para a resolução dos problemas.

Quadro 29: O que diz a Coordenação sobre a frequência com que ocorre desentendimentos entre os alunos na escola

Membro da direção	Frequência dos desentendimentos
Coordenadora Geral	Raramente
Coordenadora Pedagógica	Raramente

Fonte: PAIXÃO, 2012

Quadro 30: O que diz a Coordenação sobre quem são aqueles que estão envolvidos em situações de desentendimentos com maior frequência no ambiente da escola

Membro da direção	Mais envolvidos em desentendimentos
Coordenadora Geral	Meninos
Coordenadora Pedagógica	Meninos

Fonte: PAIXÃO, 2012

Observado o Quadro 30 identificamos que as Coordenadoras, Geral e Pedagógica, concordam que o maior índice de desentendimentos ocorre entre os meninos. Segundo a Coordenadora Pedagógica, por meio de conversa informal, os meninos assistem filmes com conteúdos agressivos, desenhos animados e jogos de luta reproduzindo aquilo que assistem no momento das brincadeiras na hora do recreio.

Segundo Abramovay, as brigas entre os meninos podem ser desencadeadas por uma diversidade de motivos: “Qualquer fato que crie algum desconforto, alguma desavença é motivo para alterações entre eles [...]” (2001, p.181).

Então, pode-se deduzir que é necessária uma atenção maior a esses alunos com trabalhos pedagógicos, observações contínuas, conversas com eles e seus familiares, sendo uma opção para prevenir manifestações de violência no ambiente escolar.

Quadro 31: O que diz a Coordenação sobre a maneira como os casos de desentendimentos são tratados pela escola

Membro da direção	Encaminhamentos
Coordenadora Geral	Conversa com os envolvidos e se não resolver os pais são convocados;
Coordenadora Pedagógica	Conversam com as partes, quando é um caso mais sério pedem ajuda das famílias que por sua vez não resolvem muita coisa.

Fonte: PAIXÃO, 2012

As Coordenadoras, no Quadro 31, comungam a importância de primeiro conversarem com os envolvidos no conflito e se não houver acordo solicitam a presença dos pais para juntos encontrem uma solução para a situação, apesar de perceberem, de acordo com a Coordenadora Pedagógica, que alguns pais não conseguem ter autoridade diante dos filhos. Por conta das reclamações os pais podem até se utilizar da força física para controlá-los, sendo um problema a mais para a escola resolver.

De acordo com Silva, Lima (s/d, p. 15) “sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (o conflito com a autoridade é normal, especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade”.

Traçando um paralelo entre o Quadro 31 e o que indicamos no Quadro 33, disposto mais à frente, consideramos que uma das causas da violência na escola apontada pelas Coordenadoras é a omissão de responsabilidade dos pais para com os filhos, o de delegar à escola a incumbência de educar nas regras e nos limites. Ressaltam também que o comportamento agressivo dos alunos, às vezes, é condicionado pelo convívio com pessoas agressivas, como veremos destacado no Quadro 33.

Quadro 32: Se há ocorrência de agressão física nos desentendimentos, na visão da Coordenação.

Membro da direção	Se há situações de agressão física
Coordenadora Geral	Sim, há situações de agressão física
Coordenadora Pedagógica	Não, não há situações de agressão física

Fonte: PAIXÃO, 2012

Em minhas observações posso afirmar que há situações de agressão física entre os alunos, como indicado pela Coordenadora Geral. Essa situação ocorre principalmente com os da Educação Infantil com idade que varia dos quatro aos seis anos, mesmo que não sejam os sujeitos diretos da minha pesquisa, se agredem na hora do recreio e ao perguntar o porquê daquelas brincadeiras alguns afirmaram que tinham visto os golpes em desenhos e que era só brincadeira. Mas as crianças que eram atingidas com os golpes saíam chorando da área de recreação a procura da professora para reclamarem por terem sido atingidas pelo colega.

É muito importante observar na criança se essas reações agressivas são esporádicas ou não, pois essa agressividade pode acusar que a criança esteja passando por algum problema e a maneira que tem de demonstrar é entrando em conflito com as pessoas mais próximas.

Segundo Train (1997), “[...] em um caso de birra, a criança agride violentamente as pessoas que estão por perto ou destrói os objetos ao seu redor” (apud MONTEIRO, s/d, p. 3).

Quadro 33: O que diz a Coordenação sobre as principais causas da violência escolar

Membro da direção	Principais causas da violência na escola
Coordenadora Geral	O ambiente familiar, o convívio com pessoas agressivas e a falta de estrutura das famílias
Coordenadora Pedagógica	Família desestruturada e falta de educação.

Fonte: PAIXÃO, 2012

Complementando o que foi explanado no Quadro 31, percebemos que as Coordenadoras apontam a família como uma das causas da violência escolar. Ressaltam o convívio com pessoas agressivas, a falta de estrutura e educação como fatores que levam os alunos a se desentenderem e reproduzirem no ambiente escolar as ações que vivenciam em suas residências. A família e a escola são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento das crianças, por isso, a importância de caminharem juntas para um bom desenvolvimento educacional.

Em conversa informal com a Coordenadora Pedagógica sobre a atuação da família na educação de seus filhos ela afirma que a violência se inicia na casa dos alunos com os pais alcoólatras, drogados, a falta de limite, de regras, falta de diálogo e tudo o que envolve o

ambiente da criança. O aluno reproduz na escola, às vezes, por não suportar a sua realidade na família.

Salientamos mais uma vez a importância de um trabalho pedagógico com os alunos que são mais agressivos para amenizar as situações de violência na escola e não o afastando do convívio escolar como a resolução do problema.

Quadro 34: O que diz a Coordenação sobre o papel da escola no combate (ou prevenção) a violência escolar

Membro da direção	O papel da escola
Coordenadora Geral	Procuram conversar com os alunos e no horário do recreio são utilizados jogos e brinquedos
Coordenadora Pedagógica	Conversas frequentes com as famílias, a ocupação dos alunos em jogos, filmes educativos, leitura, etc.

Fonte: PAIXÃO, 2012

No Quadro 34 observamos que as Coordenadoras acreditam que conversar com os alunos é a melhor opção antes de adotarem um encaminhamento mais incisivo. Além disso, elas indicam que o envolvimento da família nessas questões é fundamental. Apontam também que a escola procura trabalhar com jogos, filmes educativos, brinquedos e leitura na hora do recreio procurando, assim, conscientizá-los de que os conflitos não resolvem os problemas. Só que as crianças fazem as próprias regras e indicam os limites nas brincadeiras.

Segundo Sposito, “os adolescentes da escola pública, que vivem um clima de indisciplina na sala de aula, encontram no recreio e nas demais horas ociosas os momentos de expressão das práticas de agressões não só verbais como físicas” (2001, p. 98).

As Coordenadoras, em conversa informal, afirmam que procuram sempre conversar com os alunos que são mais agressivos. Percebi também, em minhas observações, que os alunos mais agitados, são convidados a sentarem e esperarem o término do recreio para o retorno a sala de aula. Não significando que esse tipo de atitude seja visto como um ponto positivo para o papel educativo da escola porque o aluno pode se sentir rejeitado por ver todos os outros colegas brincando e ele não poder fazer o mesmo.

Quadro 35: Se a Coordenação já sofreu algum tipo de agressão na escola

Membro da direção	Se sofreram agressão
Coordenadora Geral	Não
Coordenadora Pedagógica	Não

Fonte: PAIXÃO, 2012

No Quadro 35 as Coordenadoras afirmam que nunca sofreram qualquer tipo de agressão. Observei que há uma boa relação entre os alunos e as coordenadoras, não faltando respeito e obediência

Segundo Abramovay (2005, p. 119), a relação entre os atores sociais da escola é de suma importância para minimizar as situações de violência. O relacionamento entre esses atores não pode ser de distanciamento para não cercear o diálogo.

Quadro 36: O que a Coordenação diz sobre a atuação das famílias na formação dos filhos de acordo com a realidade da escola

Membro da direção	Atuação das famílias
Coordenadora Geral	Não há uma contribuição favorável
Coordenadora Pedagógica	Algumas famílias atuam de forma correta e outras não.

Fonte: PAIXÃO, 2012

No Quadro acima onde tratamos sobre a atuação das famílias na formação dos filhos, as Coordenadoras concluem que algumas famílias pouco contribuem para a formação de seus filhos por estarem delegando a educação deles apenas a escola.

Se a família ignora o seu papel de atuar sobre a educação de seus filhos não tendo autoridade sobre eles o problema poderá se agravar e o efeito dessa não atuação será sentido na vida adulta dessa criança.

Souza (2008, p.128) advoga que “é comum, a prática de terceirização da educação por parte dos pais. Atualmente, as famílias têm transferido a responsabilidade da educação de seus filhos para a escola, distorcendo e descaracterizando a função da mesma”.

A escola e a família devem ser parceiras no processo de educação das crianças, pois ambas podem ser propulsoras ou inibidoras do crescimento intelectual, emocional e social desses indivíduos.

Segundo depoimento da Coordenadora Pedagógica, a família não quer mais ter o trabalho de educar seus filhos, não tem mais paciência e não gosta de ser convocada a escola para estar ciente do envolvimento de seus filhos nos conflitos existente no ambiente da escola.

Quadro 37: O que diz a Coordenação sobre o trabalho realizado para envolver os alunos e os pais na escola

Membro da direção	Atividade
Coordenadora Geral	Comemoração do dia das mães e dos pais
Coordenadora Pedagógica	Palestras

Fonte: PAIXÃO, 2012

No Quadro 37 as Coordenadoras são muito sucintas em suas respostas delimitando a realização de trabalho que envolve pais e alunos. As atividades são: palestras, comemoração do dia das mães e pais. Não foram informados os tipos de palestras que são realizadas e a sua periodicidade e nem em conversa informal foram mencionados outros tipos de atividade.

Não se percebe um trabalho mais aprofundado com os pais no âmbito escolar de forma a envolvê-los como atores ativos e torná-los conscientes de suas responsabilidades como os primeiros transmissores de valores, afetividade e cultura. A presença dos pais além de dias comemorativos é de extrema importância, pois é preciso que eles conheçam a atuação da escola com relação aos filhos e a atuação dos filhos na escola.

Quadro 38: Se quando há desentendimentos mais sérios na escola é feito relatório e enviado aos órgãos competentes

Membro da direção	Se é feito relatórios sobre os desentendimentos
Coordenadora Geral	Sim
Coordenadora Pedagógica	Não

Fonte: PAIXÃO, 2012

Traçando um paralelo entre o Quadro 38 e o Quadro 32, disposto mais acima, percebe-se, no Quadro 32, que a Coordenadora Pedagógica afirma que não há conflitos no ambiente escolar quando perguntada se há ocorrência de brigas na escola, mas no Quadro 38 afirma que quando há conflitos mais sérios, ameaças, lesão corporal, não é enviado um relatório aos órgãos competentes da Secretaria Municipal de Educação.

Certamente que não é extremamente necessário gerar um relatório toda vez que os alunos se desentenderem com um esbarrão ou empurrões. A questão serviu para verificar se as agressões físicas registradas na pesquisa em 2010 foram relatadas e apuradas pela Secretaria Municipal de Educação.

De acordo com Sposito, a precariedade de informações nas formas de registro e monitoramento faz com que não haja um acompanhamento sistemático e cada gestão encontra seus procedimentos para lidar com os episódios de violência (2001, p. 92).

É importante salientar que a criação de oportunidades para envolver os pais em alguns eventos proporcionados pela escola pode ser um ponto de partida para as famílias se conhecerem e se envolverem com as questões da escola, mas é preciso que a escola e a família estejam buscando juntas um caminho para a diminuição da violência na escola.

No geral, concluímos que tanto a escola como a família precisam colaborar com a educação dos alunos. Há uma necessidade de integração para diminuir os casos de conflitos no ambiente escolar, como também, a escola envolver os pais em outras atividades para que eles também se sintam parte da escola.

3.5 – Quem são as mães entrevistadas e o que elas pensam sobre a violência na escola

Responderam ao nosso questionário 07 mães de alunos. O Quadro 39 e o Quadro 40 indicam, de modo geral, o perfil dessas mães que participaram da pesquisa.

Quadro 39: Ocupação das mães que participaram da pesquisa

Profissão/ocupação	Quantidade	(%)
Secretária do lar (doméstica)	03	42,85
Não trabalha	03	42,85
Autônoma	01	14,28
Total	07	100

Fonte: PAIXÃO, 2012.

No Quadro 39 podemos verificar que há um equilíbrio entre as mães que não trabalham fora de casa e as que trabalham como domésticas, somente uma das mães é autônoma e possui um bar em sua própria residência. Então, percebemos que quatro mães possuem alguma fonte de renda para contribuir nas despesas da casa e entre essas quatro há uma doméstica. Segundo uma conversa informal, no caso da mãe que trabalha como doméstica ela é a única responsável pelo sustento da família.

Além do questionário houve uma conversa informal com todas as mães e o que pude perceber sobre a educação e escolarização dos filhos é que das três mães que não trabalham fora de casa somente uma tem uma preocupação em verificar o material escolar dos filhos. Já entre as quatro mães que trabalham somente uma não verifica o material escolar dos filhos. Segundo Souza, “é comum, a prática de terceirização por parte dos pais. Atualmente, as famílias têm transferido a responsabilidade da educação dos filhos para a escola, distorcendo e descaracterizando a função da mesma” (2008, p.10). Normalmente, supomos que as mães que não trabalham fora de casa teriam um tempo maior para cuidar da escolarização de seus filhos diferentemente das que trabalham.

O Quadro 40, a seguir, nos indica o perfil das mães quanto ao nível de escolaridade.

Quadro 40: Nível de escolaridade das mães que participaram da pesquisa

Escolaridade	Quantidade	(%)
Segunda série do ensino fundamental	01	14,28
Quarta série do ensino fundamental	01	14,28
Quinta série do ensino fundamental	02	28,57
Sétima série do ensino fundamental	01	14,28
Ensino fundamental completo	01	14,28
Ensino médio completo	01	14,28
Total	07	100

Fonte: PAIXÃO, 2012.

Observando os dados, apenas uma mãe tem ensino médio completo e uma tem o ensino fundamental completo, as outras cinco não concluíram o ensino fundamental variando entre a segunda e a sétima série do ensino fundamental.

No geral, considerando a amostra das mães envolvidas na pesquisa podemos concluir que predomina o perfil de mães com baixa escolarização. “Me juntei muito cedo com o pai de meus filhos e não quis mais estudar”, afirma uma das mães que respondeu ao questionário. Compreende-se, com os dados e a fala da mãe, que um dos motivos que leva a desistência para a conclusão da escolaridade é a formação familiar precoce.

Para melhor compreender o que pensam as famílias sobre a ocorrência de situações de violência na escola foram feitas seis perguntas sobre essa questão. Os dados coletados estão apresentados a partir do Quadro 41.

Quadro 41: O que dizem as mães pesquisadas sobre o ambiente escolar

Percepção das mães	Quantidade	%
Bom, O ambiente é muito bom, Ambiente bom porque é limpo e educativo	03	42,85
Um ambiente normal, sem briga	01	14,28
Ambiente limpo	01	14,28
Ótimo	01	14,28
Ambiente médio e tem coisas que não concorda como ações de professores que não deveriam existir	01	14,28
Total	07	100

Fonte: PAIXÃO, 2012.

Nos dados do Quadro acima, verificamos que seis das sete mães consideram que o ambiente escolar em que seus filhos estudam é, no geral, bom, normal, ótimo, limpo, educativo e sem briga. Somente uma considera que o ambiente é médio e indica discordância com atitudes de professores, mas ela não justificou no questionário quais tipos de ações não deveriam existir deixando outro questionamento em aberto.

Já no Quadro 42 trazemos a perspectiva das mães quanto aos potenciais causadores de situações de conflito na escola.

Quadro 42: Ao que as mães pesquisadas atribuem o comportamento de alunos que se desentendem na escola

Percepção das mães	Quantidade	%
Ao ambiente familiar	05	71,42%
A mídia	-	-
Ao meio social	01	14,28%
Outros	-	-
Não respondeu a pergunta	01	14,28%
Total	07	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Constatamos que cinco das sete mães consideram que o mau comportamento dos alunos que causam conflitos na escola está relacionado ao ambiente familiar. Uma mãe atribui ao meio social o motivo para o mau comportamento dos alunos que pode causar desentendimentos na escola, mas consideramos também que a família está inclusa a esse meio social e a ela não podemos atribuir toda a responsabilidade, pois, diversos são os fatores que desencadeiam a violência na escola.

Durante a conversa informal, após a aplicação do questionário, procurei saber, sem questionar o que foi respondido, o que elas pensavam sobre o comportamento de alunos que são agressivos na escola. Elas atribuem o comportamento agressivo de alguns alunos a desestruturação familiar, ou seja, a maneira como alguns pais educam seus filhos: “deixa largado na rua, não cobra o dever da escola e não conhece os amigos do filho e depois vai querer que o filho se comporte e não brigue se ele vê em casa o pai ou a mãe brigando”. Afirmou uma das mães. É a reprodução de casa para a escola. “[...] é possível concluir que, se as famílias podem ajudar a manter seus filhos afastados da violência, podem, também, socializá-los para ela. Pais violentos podem estar contribuindo para tornar violentos os seus filhos” (CANDAU, LUCINDA, NASCIMENTO, 2011, p. 62).

Em geral, analisamos que a maior parte das mães considera que a influência da família sobre os filhos é indispensável para a formação e socialização. Partindo destas reflexões, pode-se afirmar que a família pode, ou não, contribuir para o aumento ou a minimização da violência escolar, além disso, a violência contra a criança pode comprometer seu desenvolvimento cognitivo interferindo em seu aprendizado.

Perguntadas sobre como agiriam diante do envolvimento de seus filhos em situações de briga na escola obtivemos as respostas organizadas no Quadro 43.

Quadro 43: Como agiria a mãe se o filho estivesse envolvido em uma situação de briga na escola

Percepção das mães	Quantidade	%
Não gosta	01	14,28
Iria saber	01	14,28
Separaria e depois conversava para saber o motivo; Procuraria saber o motivo da briga e resolveria da melhor maneira possível; Conversaria com o filho para saber o que tinha acontecido	04	57,14
Primeiro procuraria o responsável pela escola para que os pais possam resolver juntos	01	14,28
Total	07	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Podemos observar que quatro mães questionam primeiro ao filho o motivo da briga para depois procurarem resolver o problema da melhor maneira possível com a escola e com os outros pais. Uma mãe iria saber do acontecido e uma outra só respondeu que não gosta, subentende-se que ela não deve gostar que seu filho se envolva em situação de briga.

Podemos verificar, ainda, que as mães se preocupam com o bem estar de seus filhos, mesmo a que responde “não gosta”, é preciso manter uma relação de conversa com eles e essa é a melhor opção. O diálogo para a orientação do filho é imprescindível em sua formação para não ser perdido o respeito e haver uma inversão de valores.

De acordo com Souza, “as perdas ou inversões dos valores afetivos e morais essenciais à educação da criança a vitimou, pois não há mais referencial baseado em afeto, cuidado, respeito mútuo entre as crianças e adolescentes, que já não sabem como se comportar na sociedade” (2008, p. 10).

No Quadro 44 a pergunta está relacionada ao envolvimento dos filhos em conflitos no ambiente da escola.

Quadro 44¹³: Com quem os filhos já se envolveram em situações de conflitos no ambiente escolar

Com quem os filhos já se envolveram em conflitos	Quantidade	%
O professor	02	25
O colega	03	37,5
Outros	03	37,5
Total	08	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

De acordo com o Quadro acima constatamos que duas mães já tiveram seus filhos envolvidos em questões de conflitos com o professor, duas tiveram seus filhos envolvidos em conflitos com outros colegas e com o professor e três nunca tiveram seus filhos envolvidos com brigas/conflitos.

Vale aqui destacar que há oito respostas registradas e não apenas sete (total de questionários aplicados), pois duas das mães assinalaram duas alternativas, quais seja a opção que o filho já esteve em conflitos/brigas com o professor e o colega.

A questão de desentendimentos entre aluno/aluno e aluno/professor corrobora para o aumento da agressão física na escola, sendo a maior proporção entre os alunos.

Geralmente, as agressões físicas tendem a ocorrer entre os alunos, mas não se pode desconsiderar os conflitos que se dão entre alunos e adultos da escola, particularmente no que se refere aos professores, o que contribui para uma série de reflexões acerca da autoridade, dos conflitos inter-geracionais e das bases em que se pautam as relações sociais na escola [...] (ABRAMOVAY, 2005, p. 171).

Em suma, das sete mães quatro já tiveram seus filhos envolvidos em conflitos no ambiente escolar. Isso significa que é mais de cinquenta por cento, um número alto se avaliada a quantidade de mães que responderam ao questionário.

¹³ Em função da possibilidade da mãe indicar mais de uma alternativa para esta questão, o somatório das categorias não totaliza a quantidade de questionário aplicado, sete, sendo analisado pela quantidade de respostas, no caso oito.

Perguntadas sobre a reação das mães ao saber que o filho se envolveu em situação de briga na escola, obtivemos as respostas organizadas no Quadro 45.

Quadro 45: Reação das mães pesquisadas ao saber do envolvimento dos filhos em situações de briga na escola.

Reação das mães	Quantidade	%
Acredita que é normal	-	-
Exige providência da escola	03	42,85
Procura resolver sozinha	01	14,28
Outros	01	14,28
Não respondeu	02	28,57
Total	07	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Com base nas informações do Quadro acima observamos que três das sete mães ao saberem que seus filhos estão envolvidos em situações de briga exigem providências da escola. Duas mães não responderam a questão. Uma mãe procura resolver sozinha o problema e a outra mãe daria conselho para que seu filho não se envolvesse em situações de briga.

Pode-se concluir que as mães tendem a exigir que a escola tenha uma postura em relação ao desentendimento de seus filhos por ser a responsável por eles naquele momento. Mas isso não significa dá a escola a responsabilidade pelos atos de alunos que se desentendem em seu espaço. A escola precisa assumir seu papel de mediadora de conflitos e os pais devem assumir a responsabilidade de educarem seus filhos, pois “a expectativa de muitos pais e alunos continua sendo a de que a escola proporcione às crianças e jovens o acesso a uma ‘vida melhor’[...] (CANDAU, LUCINDA, NASCIMENTO, 2001, p. 40).

Já no Quadro 46 as mães dizem o que pensam sobre o papel da escola no combate (ou prevenção) as brigas.

Quadro 46: O que as mães pesquisadas dizem sobre o papel da escola no combate (ou prevenção) as brigas existentes no ambiente escolar.

Postura das mães	Quantidade	%
Conversar com os alunos para ficar organizado; Deveria ser conversado mais e pedindo sempre a ajuda dos pais; Iria saber os motivos das brigas; O papel importante para ajudar na convivência social	04	57,14
Castigo	01	14,28
Falta de compreensão uns com os outros	01	14,28
Muito bom	01	14,28
Total	07	100

Fonte: PAIXÃO, 2012

Observando as respostas acima temos que quatro entre as sete mães acreditam que o papel da escola no combate (ou prevenção) as brigas existentes no ambiente escolar é o de conversar com os alunos sempre trabalhando com a ajuda dos pais para preocuparem sempre saber o motivo da briga dos filhos e tem papel importante como ajuda na convivência social desses alunos. Uma mãe acredita que o castigo é uma maneira de prevenir as brigas. Outra mãe acredita que as brigas existem no ambiente escolar por não haver compreensão uns com os outros. A última mãe afirmou que era “muito bom”, mas não explicou se o muito bom é o trabalho que a escola possa estar fazendo em seu ambiente para o combate (ou prevenção) de brigas.

Um ponto importante apontado por uma das mães é o papel da escola como ajuda na convivência social entre os alunos e esse papel é fundamental para o combate (ou prevenção) de conflitos no ambiente escolar.

As escolas que valorizam o conflito e aprende a trabalhar com essa realidade, são aquelas onde o diálogo é permanente, objetivando ouvir as diferenças para melhor decidirem; são aquelas onde o exercício da explicação do pensamento é incentivado, objetivando o aprendizado da exposição madura das ideias por meio da assertividade e da comunicação eficaz (CHRISPINO, 2007, p. 23).

Salientamos a importância da percepção das mães de buscarem para seus filhos um ambiente escolar voltado e propício para o diálogo e o aprendizado ajudando na construção de indivíduos cientes de seu papel, com limites e respeito pelo outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo, ficaram três coisas:
 A certeza de que estamos sempre começando;
 A certeza de que precisamos continuar;
 A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar.
 Portanto, devemos:
 Fazer da interrupção um caminho novo;
 Da queda, um passo de dança;
 Do medo, uma escada;
 Do sonho, uma ponte.

Fernando Pessoa

A escola é um local em que as relações entre os atores são as mais diversas e é nesse espaço, com sujeitos tão individualizados, que o fenômeno da violência está adentrado de forma muito rápida sem considerar que o espaço da escola é para a troca de conhecimentos e aprendizagens.

É no espaço escolar que aprendemos a nos relacionar com as pessoas e criamos grupos de convivência, mas quando não conseguimos manter uma relação pacífica com o outro indivíduo se desencadeiam discussões e desavenças podendo causar conflitos muito sérios entre os pares.

A pesquisa demonstrou que os conflitos, algumas vezes, se iniciam na educação infantil se estendendo ao ensino fundamental menor. Os alunos, professores, coordenadoras e mães explicam que alguns pais não conseguem controlar seus filhos e esse pode ser um dos motivos causadores dos conflitos entre os alunos na escola.

Alguns alunos quando não se sentem valorizados em casa ou mesmo na escola procuram chamar a atenção por meio de brigas e, assim, tornar-se o líder da turma o qual todos devem temer. Pode-se ainda ser o causador de conflitos como uma forma de defender-se sem perceber, claramente, que suas atitudes prejudicam a si mesmo e a outros.

Marra advoga que “nem sempre aquele que pratica a violência vê sua atitude como um ato violento contra seu semelhante e seus direitos. Porém, para as vítimas, com a

denominação que se queira dar o fato, a violência é algo revoltante, absurdo e de efeitos drásticos” (2007, p. 186).

Alguns alunos manifestaram, por meio do questionário, que a falta de educação de seus colegas também pode ser um fator de conflitos na escola. Como visto, a escola é um lugar onde os alunos procuram experiências novas, como também, demonstrar suas experiências, sendo um grande desafio reconhecer um fator primordial as manifestações de violência, pois várias são as fontes que conduzem a violência na escola.

Diante da violência, o desafio maior é o reconhecimento da complexidade de suas manifestações, sem reduzi-la a uma única fonte. O lugar da escola, como fonte privilegiada de mediação, assim como o da família possibilita uma atuação ampla no campo da prevenção da violência (NJAINÉ, MINAYO, 2003, p. 132).

Outra questão pertinente na configuração das manifestações de agressões entre os alunos é a agressão verbal evidenciada pelos xingamentos e apelidos. Esse tipo de agressão é muito sutil, pois não deixa as marcas visíveis no corpo, somente na alma. Uma palavra mal colocada pode causar muitos estragos e, às vezes, esses estragos ficam para sempre.

Como afirma Candau, Nascimento e Lucinda (2011, p. 94) o papel da escola é o de procurar combater qualquer tipo de violência que envolva seu ambiente. Ela precisa ser dinâmica, se vincular a comunidade, desenvolver ações educativas que envolvam todos os atores, promover a vida individual, familiar e social.

A Escola “Tom Jobim” passou por muitas modificações no período de 2010 a 2012 – período de investigação e observação – que amenizou os conflitos existentes entre os alunos do ensino fundamental menor. Houve mais diálogo, reuniões trimestrais com os pais, envolvimento dos alunos em palestras, apesar de que os alunos da educação infantil continuam apresentando certa agressividade em suas brincadeiras na hora do recreio. Não que esses conflitos entre os alunos do ensino fundamental menor não existam mais, mas não houve registro de manifestações agressivas com lesão corporal ou mesmo ameaças.

Essa ação da escola foi muito importante porque violência gera violência e a exclusão dos alunos “problemáticos” não servirá como exemplo para ninguém porque o aluno fora da escola terá como orientador os amigos de rua podendo se revoltar ainda mais.

Segundo Dimenstein (1995), “está provado, porém, que a violência gera violência. A rua serve para a criança como uma escola preparatória. Do menino marginal, esculpe-se o adulto marginal, talhado diariamente por uma sociedade violenta que lhe nega condições básicas de vida” (p. 39).

De fato, é importante o envolvimento da sociedade em programar ações que possam coibir a violência na escola. O poder público deve estar mais próximo da escola procurando conhecer suas dinâmicas diárias, seus problemas e procurando ouvir a comunidade escolar.

Lutar contra as causas das manifestações de violência física na escola constitui um elemento fundamental para desenvolver um processo de humanização entre os atores, cada um com sua cultura, suas experiências, seu modo de vida. A escola continua sendo um ambiente de aprendizado e conhecimento e poderá continuar sendo com ações concretas de todos os envolvidos para minimizar a questão da violência.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências** – Brasília: UNESCO, Observatório de violências nas Escolas, Ministério da Educação, 2005. 404p.

ABRAMOVAY, Miriam, AVANCINI, Marta, OLIVEIRA, Helena. **Violência nas escolas: o bê-á-bá da intolerância e da discriminação** – Disponível em www.unicef.org – Acesso em 10/02/2012.

ANDRÉ, Marli E. D. A. A pesquisa no cotidiano escolar – **Metodologia da pesquisa Educacional** – 10. Edição – São Paulo: Cortez, 2006

BARRETO, Vicente. Educação e violência: reflexões preliminares – In: **Violência e educação: educação hoje e amanhã** – São Paulo: Livros do Tatu / Cortez, 1992.

BRASIL, LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes da educação nacional** – 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

CANDAU, Vera Maria, LUCINDA, Maria da Consolação, NASCIMENTO, Maria das Graças. **Escola e violência** – 2. Edição – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão - **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para educação hoje** – Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação** – Disponível em www.scielo.br – Acesso em 07/04/2012.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil** – 11ª Ed. – São Paulo: Editora Ática, 1995.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo - Disponível em www.scielo.br – Acesso em 13/04/2012.

FACKIN, Rosemari. **Violência na escola, da escola e no entorno da escola** – Cadernos de Pós-Graduação – Educação, São Paulo, v.5, n.1, p. 75-82, 2006 – Disponível em www.uninove.br – Acesso em 14/03/2012

FUKUI, Lia. Segurança nas escolas – In: **Violência e educação: educação hoje e amanhã** – São Paulo: Livros do Tatu / Cortez, 1992.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira, SPOSITO, Marília Pontes. **Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil**. Texto apresentado na International Conference on Violence in Schools and Public, em Paris, março de 2001. Disponível www.cpesquisa@fcc.org.br – Acesso em 02/10/2010.

GUIMARÃES, Eloisa, PAULA, Vera de. In: **Violência e educação: educação hoje e amanhã** – São Paulo: Livros do Tatu / Cortez, 1992.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa** – elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa – 4. Ed. ver. e aumentada – Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

L'APICCIRELLA, Nadime – **O papel da educação na legitimação da violência** simbólica - Disponível em www.cdcc.sc.usp.br – Acesso em 01/04/2012.

LIMA, Vanessa Fernandes, SILVA, Rozinaldo Galdino da. **Violência escolar: negociação constante do eterno conflito** – Disponível em www.eefe.ufscar.br – Acesso em 10/02/2012.

LIMA e SILVA, Maria Gracirene, SOARES, Gladys Maria Rosa Saraiva, SILVA, Jovina da. **Violência escolar: implicações no processo ensino-aprendizagem** – Disponível em www.ufpi.edu.br – Acesso em 10/02/2012.

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência escolar: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola** – São Paulo: Annablume, 2007.

MARQUES, Maria Ornélia da Silveira. Juventude, escola e sociabilidade. Saberes pedagógicos e atividade docente – Textos de Edson Nascimento Campos. [et. al]; Selma Garrido Pimenta (org.) - 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

MENEZES, Luis Carlos de. **O massacre em realengo como marco da violência** – Disponível em www.revistaescola.abril.com.br – Acesso em 09/02/12.

MONTEIRO, Maria Nilce Souza, MELO, Waldemarina Vieira de. **Causas e agentes da violência escolar** – Disponível em www.webartigos.com – Acesso em 10/02/2012.

NASCIMENTO, Maria das Graças C. de A. Violência e escola: o que pensam os/as professores/as – **Educar em direitos humanos: construir democracia** – Vera Maria Candau (org.), Susana Sacavino (org.) – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NJAINÉ, Kathie, MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência na escola: identificando pistas para a prevenção** – Disponível em www.interface.org.br - Acesso em 25/06/2012.

NOGUEIRA, Ione da Silva Cunha. **A violência nas escolas e o desafio da educação para a cidadania** – Disponível em www.anped.org.br – Acesso em 25/06/2012.

NOGUEIRA, Maria Alice, NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a educação** – 2ª Edição – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ODALIA, Nilo. **O que é violência** – São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Edjane. **Violência afasta professor de sala de aula** – Disponível em www.clicksergipe.com.br – Acesso em 02/05/2012.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares, MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. **Violência, sociedade e escola:** da recusa do diálogo à falência da palavra – Disponível em www.scielo.br – Acesso em 03/04/2012

ORTEGA-RUIZ, Rosário, DEL REY, Rosário. **Estratégias educativas para a prevenção da violência** – Tradução de Joaquim Ozório – Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

PAIVA, Vanilda. Violência e pobreza: a educação dos pobres - In: **Violência e educação: educação hoje e amanhã** – São Paulo: Livros do Tatu / Cortez, 1992.

PAULA E SILVA, Joyce Mary Adam de, SALLES, Leila Maria Ferreira. **A violência no âmbito escolar:** considerações sobre a violência da e na escola – Disponível em www.ufpel.edu.br – Acesso em 14/03/12

_____ **Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar:** algumas reflexões – Disponível em www.ufpel.edu.br – Acesso em 14/03/2012

ROYER, Égide. Condutas agressivas na escola: pesquisas, práticas exemplares e formação de professores. In: **Desafio e alternativas:** violência nas escolas – Brasília: UNESCO, UNDP 2003.

SILVIA, Aída Maria Monteiro. **A violência na escola:** a percepção dos alunos e professores – Disponível em www.crmariocovas.sp.gov.br – Acesso em 02/01/2012.

SOUZA, Miriam Rodrigues de. **Violência nas escolas:** causas e conseqüências – Disponível em www.unifan.edu.br – Acesso em 02/05/2012.

SPOSITO, Marília Pontes. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil** – Disponível em www.scielo.br – Acesso em 20/09/2011.

UNESCO. Lidando com a violência nas escolas: o papel da UNESCO/BRASIL – disponível em www.unesdoc.unesco.org – Acesso em 10/02/2012.

ZALUAR, Alba. Exclusão social e violência - In: **Violência e educação:** educação hoje e amanhã – São Paulo: Livros do Tatu / Cortez, 1992.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1 – Você já presenciou alguma briga na escola?

- a) Sim
- b) Não

2 – Essas brigas acontecem?

- a) Sempre –
- b) Raramente

3 – Em sua opinião porque essas brigas acontecem?

- a) Para se defender
- b) Para ser o líder da turma
- Outros.

4 – O que você pensa sobre os alunos que brigam na escola?

5 – Você briga ou já brigou na escola?

- a) Sim
- b) Não

6 – Com que frequência você briga com seus colegas?

- a) Sempre
- b) raramente

7 – Se você briga na escola o que costuma fazer?

- a) Bate na outra pessoa
- b) Inventa apelidos que o colega não gosta
- c) Xinga o colega e sua família
- d) Outros.

8 – Alguém já brigou com você na escola?

- a) Sim
- b) Não

9 – Quando você ou um colega vai brigar leva algum amigo ou vai sozinho?

- a) Leva um amigo
- b) Vai sozinho

10 – Você já recebeu alguma punição por conta das brigas na escola?

- a) Sim. Por quem?
- b) Não

11 – Você já viu algum colega sendo punido porque brigou?

- a) Sim. Por quem?
- b) Não

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1 – Como você descreveria o ambiente da escola?

2 – Nesse ambiente, há ocorrência de briga entre os alunos?

- a) Sim
- b) Não

3 – Com que frequência isso ocorre?

- a) Sempre
- b) Raramente

4 – O maior índice de brigas ocorre entre?

- a) Os meninos
- b) As meninas
- c) Os dois

5 – Como você fica sabendo?

- a) Por meio dos alunos que brigaram
- b) Por meio dos alunos que presenciaram a briga
- c) Por meio da direção e outros professores
- d) Outros. Qual? _____

6 – Como esses casos de desentendimentos são tratados pela escola?

- a) Diálogo
- b) Suspensão
- c) Outros. _____

7 – Para você, quais são as principais causas da violência escolar?

- a) Ambiente familiar
- b) Ambiente social
- c) Outros. _____

8 – Qual o papel da escola no combate (ou prevenção) a violência escolar?

9 – Você já sofreu algum tipo de agressão na escola?

- a) Sim. Qual? _____
b) Não

10 – Como resolveu?

11 – Há em sua sala de aula alunos que provocam os demais colegas ao ponto de iniciar uma briga?

- a) Sim
b) Não

12 – Como trabalha com esses alunos?

13 – Como descreveria a atuação das famílias na formação dos filhos quando observa a realidade da escola?

QUESTIONÁRIO PARA AS COORDENADORAS

1 – Como você descreveria o ambiente da escola?

2 – Nesse ambiente, há ocorrência de desentendimentos entre os alunos?

c) () Sim

d) () Não

3 – Com que frequência isso ocorre?

c) () Sempre

d) () Raramente

4 – O maior índice de desentendimentos ocorre entre?

d) () Os meninos

e) () As meninas

f) () Os dois

5 – Como os casos de desentendimentos são tratados pela escola?

6- Esses desentendimentos envolvem situações de agressão física?

a) () Sim

b) () Não

7 – Para você, quais são as principais causas da violência escolar?

8 – Qual o papel da escola no combate (ou prevenção) a violência escolar?

9 – Você já sofreu algum tipo de agressão na escola?

c) () Sim. Qual? _____

d) () Não

10 – Como resolveu?

11 – Como descreveria a atuação das famílias na formação dos filhos quando observa a realidade da escola?

12 – A escola realiza algum tipo de trabalho que envolva os alunos e pais? Qual?

13 – Quando há desentendimentos mais sérios é feito relatório e enviado aos órgãos competentes?

QUESTIONÁRIO PARA AS MÃES

1 – Como o(a) Sr(a) classificaria o ambiente escolar que seu filho estuda?

2 – A que o(a) Sr(a) atribui o comportamento de alunos que se desentendem na escola?

- a) () Ao ambiente familiar
- b) () A mídia
- c) () Ao meio social
- d) () Outros. Qual? _____

3 – Se seu filho estivesse envolvido numa situação de briga, como agiria?

4 – Seu filho já teve desentendimento com?

- a) () O professor
- b) () O colega
- c) () Outros. Quem? _____

5 – Como o(a) Sr(a) reagiu ao saber?

- a) () Acredita que é normal
- b) () Exige providência da escola
- c) () Procura resolver sozinho
- d) () Outros. Qual? _____

6 – Como o(a) Sr(a) vê o papel da escola no combate (ou prevenção) as brigas existentes no ambiente escolar?
